

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CAMPUS BACABAL
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

SÔNIA DE JESUS DA SILVA

RESILIÊNCIA ESCOLAR: Análise sobre a influência dos tipos de motivação dos alunos adultos em processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

BACABAL – MA

2026

SÔNIA DE JESUS DA SILVA

RESILIÊNCIA ESCOLAR: Análise sobre a influência dos tipos de motivação dos alunos adultos em processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia Licenciatura da UEMA Campus Bacabal, como requisito para obtenção do grau em Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr Rosângela Silva Oliveira

BACABAL – MA

2026

Silva, Sônia de Jesus da.

Resiliência escolar: análise sobre a influência dos tipos de motivação dos alunos adultos em processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA) / Sônia de Jesus da Silva. - Bacabal - MA, 2026.
57 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Bacabal, 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Silva Oliveira.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Resiliência. 3. Motivação. I. Título.

CDU: 374.7:372.41/.45

SÔNIA DE JESUS DA SILVA

RESILIÊNCIA ESCOLAR: Análise sobre a influência dos tipos de motivação dos alunos adultos em processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Aprovada em:

13/07/2026

Nota: 9,83

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
ROSANGELA SILVA OLIVEIRA
Data: 18/07/2026 11:08:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador



Documento assinado digitalmente
VILMAR MARTINS DA SILVA
Data: 20/07/2026 18:37:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

1º Examinador



Documento assinado digitalmente
LUIZ PAULO BRITO ROCHA
Data: 20/07/2026 09:53:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

2º Examinador

A Deus antes de tudo. E à minha querida avó
Pedrina que me inspirou desde a infância com sua
garra e força de vontade de retornar aos estudos
mesmo depois de idosa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter sido o meu sopro de força quando o cansaço parecia vencer, só Ele e eu sabemos a imensidão dos desertos que atravessei para chegar até aqui.

Agradeço à minha mãe, Eliete, que é minha bússola e inspiração, obrigada por não soltar a minha mão, por incentivar meus passos e por lutar comigo em cada batalha, sem dúvidas este diploma também é seu.

Agradeço às minhas filhas, Maria Elise e Aylla Louise, a razão de toda a minha coragem, vocês são o motor que me fez caminhar, eu desejo, que através de mim, vocês enxerguem um horizonte completamente novo, aquele passado de trabalho infantil e escassez de oportunidades não começou em mim, mas garanto que ele termina aqui, nós merecemos um novo futuro, em honra e respeito a todos os que vieram antes de nós.

Agradeço às minhas amigas, companheiras de jornada, com quem dividi os risos, os choros e os longos anos de faculdade, o caminho foi mais leve porque caminhamos juntas.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Rosângela Silva Oliveira, pela paciência generosa, pelo conhecimento compartilhado e pelo tempo dedicado a me guiar nesta reta final.

Porque quando uma de nós vence, traz consigo a vitória de todo o seu povo, sem dúvida alguma muitas pessoas ganham se eu ganhar.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Por que você não pôde concluir seus estudos na idade regular? Conte um pouco sobre os obstáculos que enfrentou naquela época	33
QUADRO 2 – O que mudou na sua vida ou no seu modo de ver o mundo depois que você começou a frequentar as aulas da EJA?	34
QUADRO 3 – Como você se sente quando consegue realizar algo na escola que antes parecia impossível?	36
QUADRO 4 – De que forma os professores e a escola podem ajudar você a se sentir mais motivado a não faltar e continuar estudando?	38
QUADRO 5 – Qual é o seu maior sonho para o futuro após concluir seus estudos na EJA?	40

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Qual foi o principal motivo que o trouxe de volta à escola neste momento?.....42

GRÁFICO 2 - Durante sua trajetória na EJA, o que mais contribui para que você não desista dos estudos?44

GRÁFICO 3 - Qual o maior desafio que você enfrenta hoje para continuar frequentando as aulas?..... 46

GRÁFICO 4 - Como você se sente em relação ao seu aprendizado na escola até agora?48

GRÁFICO 5 - Para você, qual a importância da alfabetização na sua vida hoje?..... 50

RESUMO

Este estudo analisa a dinâmica da resiliência escolar e a influência dos fatores motivacionais intrínsecos, extrínsecos e socioafetivos no processo de alfabetização e permanência de jovens e adultos na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma unidade de ensino público na cidade de Bacabal–MA. O problema central de pesquisa investigou de que forma esses diferentes tipos de motivação impulsionam a resiliência e como as práticas pedagógicas podem potencializar essa força para mitigar a evasão e garantir o êxito educacional. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva, configurando uma abordagem qualitativa realizada por meio de questionários e observação participante com os educandos. Os resultados indicam que a motivação na EJA constitui uma construção articulada entre o desejo de superação pessoal, a necessidade de inserção ou ascensão no mercado de trabalho e o fortalecimento de vínculos socioafetivos. Constatou-se que a resiliência dos estudantes atua como um motor de resistência frente às barreiras estruturais da vida adulta, tais como jornadas exaustivas de trabalho e marcas biográficas de exclusão escolar. Conclui-se que práticas pedagógicas humanizadas, pautadas na escuta ativa, na validação dos saberes prévios e na contextualização do currículo, são indispensáveis para converter demandas instrumentais externas em um projeto de vida autodeterminado, reafirmando a escola como um espaço de justiça social, reparação histórica e cidadania ativa.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Motivação. Resiliência.

ABSTRACT

This study analyzes the dynamics of school resilience and the influence of intrinsic, extrinsic, and socio-affective motivational factors on the literacy process and permanence of young and adult students in Youth and Adult Education (EJA) at a public school in Bacabal-MA. The core research problem investigated how these different types of motivation boost resilience and how pedagogical practices can enhance this strength to mitigate dropout rates and ensure educational success. Methodologically, the study is characterized as exploratory and descriptive, utilizing a qualitative approach carried out through questionnaires and participant observation with the students. The results indicate that motivation in EJA is an articulated construction between the desire for personal improvement, the need for labor market insertion or ascension, and the strengthening of socio-affective bonds. It was found that student resilience acts as an engine of resistance against the structural barriers of adult life, such as exhausting work routines and biographical histories of school exclusion. The study concludes that humanized pedagogical practices, based on active listening, the validation of prior knowledge, and curriculum contextualization, are essential to convert external instrumental demands into a self-determined life project, reaffirming the school as a space for social justice, historical reparation, and active citizenship.

Keywords: Youth and Adult Education. Motivation. Resilience.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	12
3 MOTIVAÇÕES NECESSÁRIAS AO ATO EDUCATIVO	16
3.1 MOTIVAÇÃO EXTRÍNSECA.....	18
3.2 MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA.....	18
3.3 MOTIVAÇÃO SOCIOAFETIVA.....	20
4 A INFLUÊNCIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA AUTOMOTIVAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	22
5 A RESILIÊNCIA ESCOLAR NA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS DA U.E.F CHAGAS ARAÚJO.....	31
5.1 RESULTADO E DISCUSSÃO	32
5.2 MOTIVAÇÕES IDENTIFICADAS ENTRE OS ESTUDANTES... ..	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	55
APENDICE	60

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe-se a analisar a dinâmica da resiliência e os fatores motivacionais que impulsionam os jovens e adultos em processo de alfabetização da EJA, tendo como problemática o seguinte questionamento: De que forma os diferentes tipos de motivação influenciam a resiliência escolar de alunos adultos em processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos, e de que maneira as práticas pedagógicas podem potencializar essa força para garantir a permanência dos alunos e a aprendizagem significativa dos mesmos? Consequentemente, a pesquisa surge da necessidade de compreender mais profundamente os fatores que sustentam essa persistência escolar, investigando os elementos que alimentam o desejo desses alunos de continuar aprendendo mesmo diante de contextos desfavoráveis.

Neste estudo, a resiliência é analisada não apenas como superação individual de obstáculos, mas como uma construção coletiva, influenciada por vínculos afetivos, apoio comunitário, sonhos pessoais e o reconhecimento do valor da educação como ferramenta de mudança social.

Diante disto, justifica-se a necessidade de compreender como as práticas pedagógicas, enquanto elementos facilitadores e incentivadores, contribuem para a construção do conhecimento e para o êxito do processo de alfabetização, assegurando que o indivíduo resgate sua voz e amplie suas oportunidades no mundo. Buscando também subsidiar práticas pedagógicas mais eficazes, humanas e inclusivas, que respeitem os ritmos, saberes e vivências dos sujeitos da EJA, reconhecendo-os como verdadeiros produtores de conhecimento.

Sabendo que este percurso educativo é repleto de desafios, mas também de conquistas e superações que merecem ser contadas e celebradas, os fatores motivacionais dos alunos da EJA emergem como poderosos testemunhos da resiliência humana, cada um traz consigo experiências únicas, histórias repletas de sonhos, lutas e esperanças.

Ao explorar essas motivações, não apenas reconhecemos a importância da educação na construção da identidade e cidadania, mas também iluminamos os caminhos que levam à transformação pessoal e coletiva, representando muito mais do que a simples aquisição de conhecimento; tornando-se um verdadeiro espaço de

transformação pessoal e social. Em uma sociedade onde o acesso à educação formal nem sempre foi garantido, a EJA se torna um porto seguro para aqueles que buscam retomar seus estudos e reescrever sua história.

2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) se configura como uma modalidade educacional que transcende o ensino de conteúdos básicos, e é de suma importância para a inclusão social e o desenvolvimento do país, destinada àqueles que não tiveram acesso aos estudos na idade própria, visando garantir o direito à educação e promover a formação integral de seus estudantes, que tiveram sua “Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores, mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada” Freire (2017, p. 44). Historicamente, a EJA sempre ocupou um lugar secundário nas políticas públicas e durante muito tempo foi vista como uma forma de corrigir as falhas do sistema regular, voltada para aqueles que ficaram para trás sempre esteve associada à luta por direitos sociais e à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

No Brasil, ela carrega uma trajetória marcada por negligência, descontinuidade e contradições tanto no plano histórico quanto no legal, isso dar-se porquê desde o início foi pensada como uma solução emergencial, quase sempre tratada como política compensatória e não como um direito pleno dos estudantes, isso porque ‘o processo de alfabetização tem sido objeto de críticas, dúvidas, controvérsias desde que se democratizou o acesso à escola’ Soares (2017, p. 133). E esse olhar marginalizado ainda afeta profundamente a forma como a modalidade é organizada, valorizada e ofertada hoje em dia.

Contudo, a Constituição Federal de 1988 foi um marco importante ao garantir, no artigo 208, inciso I- Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria, Brasil (1988), no entanto o direito à educação básica gratuita para todos que não a concluíram na idade apropriada, a partir daí, houve avanços legais e institucionais.

Esta modalidade de educação atua como reparação simbólica e prática das violências sociais sofridas por sujeitos que foram historicamente excluídos do direito

à educação, ao ser reconhecido que estudar é um direito negado e que precisa ser reivindicado, a Educação de Jovens e Adultos assume um papel político e emancipador, a escola torna-se, assim, um espaço de justiça social, onde o acesso ao conhecimento é também acesso à cidadania, à participação e à possibilidade de uma vida mais justa.

O ingresso na EJA é motivado por diversos fatores como a motivação extrínseca que é Impulsionada por fatores externos e instrumentais, onde o aluno busca a escolarização visando a ascensão social, a obtenção de um certificado, ou o acesso a melhores postos de trabalho; como também a motivação intrínseca que é impulsionada por fatores internos e satisfação pessoal, o que inclui o desejo de superar o analfabetismo por conta própria, o fortalecimento da autoestima, a valorização da sua identidade, e a busca por autonomia na leitura do mundo; e também pela motivação socioafetiva, que envolve o desejo de participação plena na vida familiar, como o apoio aos filhos nas tarefas escolares e o fortalecimento de vínculos sociais.

Por décadas o pensamento pedagógico e docente debate-se entre ignorar ou reconhecer como referente de significados quem são esses educandos, de onde vêm, para onde voltam. Deste modo o acesso à leitura e à escrita representa não apenas um avanço cognitivo, mas uma transformação pessoal e social, no entanto, a jornada educacional desses alunos é frequentemente marcada por desafios e dificuldades advindas das múltiplas responsabilidades da vida adulta, essa realidade complexa torna essencial a investigação dos fatores que sustentam a permanência e o sucesso desses indivíduos na sua vida educacional.

Somente na medida em que os oprimidos, descobrindo-se 'hospedeiros' do opressor, se empenham em fazer a pedagogia da sua libertação, começam a crer em si mesmos. Este descobrimento, entretanto, não é puramente intelectual, mas resulta da sua práxis, da sua ação e reflexão. O que se pretende é que os oprimidos, lutando pelo seu resgate, se encontrem, humanamente, com os outros oprimidos e com a liderança revolucionária. A sua luta tem de ser, fundamentalmente, a de homens, a de seres para quem ser mais é a vocação. A sua humanidade, roubada na opressão, tem de ser reconquistada no ato de lutar por ela, na práxis que, transformando o mundo, os transforma (Freire, 2017, p. 74).

Não basta apenas garantir a matrícula na EJA, é preciso garantir a permanência do aluno, e esta está intimamente ligada à capacidade da escola de construir um ambiente de acolhimento, onde o professor seja um mediador sensível às trajetórias e aos saberes dos estudantes, Di Pierro (2005), ou seja o sucesso na

EJA passa, necessariamente, pela superação da cultura do fracasso escolar e pela afirmação do direito à educação ao longo da vida em um contexto de justiça social.

Nesse caso, a alfabetização, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos, transcende o simples domínio da leitura e da escrita, ela representatividade senta um marco na trajetória de indivíduos historicamente excluídos dos processos formais de escolarização, funcionando como um poderoso instrumento de ascensão social e de reconstrução de identidade. Ao adquirir habilidades básicas de linguagem, o sujeito não apenas amplia sua capacidade de compreender o mundo e acessar informações, mas também se torna apto a exercer sua cidadania de forma mais ativa e crítica na sociedade.

Nesse sentido, a escola assume um papel de reparação simbólica para aqueles que, por diferentes razões, foram excluídos ou não conseguiram concluir sua trajetória no sistema educacional tradicional. O retorno aos estudos, muitas vezes após anos ou até décadas de afastamento, representa um gesto de resistência e de resgate da própria dignidade, para esses sujeitos, a escola deixa de ser um espaço de cobrança e fracasso, como pode ter sido vivenciada na infância ou adolescência, e passa a ser um ambiente de acolhimento, escuta e valorização. E essa possibilidade de aprender em um ambiente que respeita suas vivências e ritmos promove o resgate da autoestima e da confiança em si mesmo, elementos cruciais para o sucesso.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, e a leitura da palavra implica, dialeticamente, a continuidade da leitura do mundo. Não é possível, pois, em minha experiência, tentar o esforço de superar o analfabetismo de adultos de ontem e de hoje sem a leitura do mundo. O que é que significa o analfabetismo de milhões de seres humanos? Significa, sobretudo, a ausência de condições para que esses milhões de seres humanos se apropriem, se apoderem da sua própria vida, de um modo mais pleno. A leitura, a escrita, a gramática, a sintaxe, tudo isso entra, dialeticamente, no processo da formação dos sujeitos que se pensam, que pensam o mundo, que pensam a leitura do mundo e que pensam a leitura da palavra, e não como uma técnica que se transfere, mas como um ato de conhecimento, de criação e recriação do saber (Freire, 1989, p. 12)

A Educação de Jovens e Adultos deve ser pensada como uma modalidade de educação básica que não se destina apenas a recuperar o tempo perdido ou a suprir a falta de escolaridade na idade própria, mas, sim, como uma oportunidade de formação cultural e política, Soares (2002). Ao se reconhecer o sujeito da EJA como um trabalhador e cidadão com saberes e experiências, o processo educativo torna-se um espaço de diálogo e produção de novos conhecimentos.

A EJA se insere, portanto, em um projeto democrático mais amplo, que busca a intervenção na sociedade para a superação das desigualdades e a garantia de que esses sujeitos participem, de forma crítica e propositiva, na construção de um futuro mais justo e equitativo. A presença desses sujeitos na escola reafirma o direito à educação ao longo da vida e evidencia que nunca é tarde para aprender e ocupar espaços historicamente negados. Essa jornada exige dedicação e resiliência, o aluno da EJA precisa ter a esperança do verbo esperar, o que significa que é necessário se levantar, ir atrás, construir, e não desistir, Freire (1992), e é nesse processo que se manifesta a consciência da inconclusão do ser, base da pedagogia freireana, onde a educação se estabelece como a prática da liberdade.

A busca pela educação na vida adulta está intrinsecamente associada a uma complexa rede de fatores, ela se manifesta pela motivação extrínseca, motivação intrínseca e motivação afetiva, em muitos relatos de alunos da EJA, o incentivo de pessoas próximas atua como um catalisador de mudanças, reforçando o reconhecimento social do valor da educação, esse tipo de apoio não apenas fortalece o vínculo do educando com o processo de aprendizagem, mas também contribui para a construção de uma rede de pertencimento e acolhimento.

A escola, nesse sentido, passa a ser vista como uma extensão da comunidade, um espaço onde os saberes são compartilhados e as experiências de vida são respeitadas, conforme os princípios da andragogia, os adultos são mais motivados a aprender por valores intrínsecos como a autoestima, a qualidade de vida e o desenvolvimento pessoal, do que por pressões externas como a busca por melhores empregos ou salários mais altos, Martins (2013).

Neste cenário a presença de vínculos afetivos no ambiente escolar favorece o engajamento, a permanência e o sucesso, consolidando a resiliência escolar como uma construção coletiva, dependente de fatores de proteção internos e externos ao indivíduo. A valorização da escola por parte da comunidade contribui para que o aluno se sinta legitimado em sua escolha de estudar, rompendo com estigmas e reafirmando sua identidade como sujeito de direitos e de saberes. Desta forma a EJA configura-se como uma resposta necessária às desigualdades históricas que marcaram o acesso à educação formal no Brasil.

Por décadas essas vêm sendo as interrogações que chegam dos oprimidos às escolas públicas populares e especificamente à educação dos trabalhadores jovens e adultos. Por décadas o pensamento pedagógico e docente debate-se entre ignorar ou reconhecer como referente de significados quem são os educandos/as, de onde vêm, para onde voltam no

seu ser no mundo, no seu lugar social, étnico, racial, de gênero, lugar no padrão de poder, de trabalho, de expropriação da renda, da terra, do teto (Arroyo, 2017 p. 10).

Muitos sujeitos adultos, retornam à escola impulsionados por motivações diversas, que vão desde o desejo de superar o analfabetismo até a busca por maior autonomia, reconhecimento social e melhores oportunidades profissionais, essas trajetórias são atravessadas por experiências de exclusão, abandono escolar, trabalho precoce e responsabilidades familiares que, em muitos casos, impediram a continuidade dos estudos na idade própria.

Na turma investigada, observou-se, portanto, uma diversidade de histórias de vida que tornam a compreensão das motivações um elemento central para o desenvolvimento de práticas pedagógicas eficazes, porque não se pode reproduzir os modelos tradicionais de ensino voltados para crianças e adolescentes, pois a EJA engloba sujeitos que carregam histórias complexas e saberes acumulados fora do ambiente escolar.

Não há docência sem discência, ambas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças, não se reduzem à condição de objeto, de um ao outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. É no diálogo, é no respeito ao "saber de experiência feito" do educando, que a prática educativa se torna autêntica e libertadora (Freire, 1996, p. 25).

3 MOTIVAÇÕES NECESSÁRIAS AO ATO EDUCATIVO

A motivação embora prática, revela uma dimensão profunda de valorização da própria identidade e do exercício pleno da cidadania, essa competência representa mais do que uma habilidade técnica, ela simboliza liberdade, independência e reconhecimento social, ao aprender a ler e escrever, o sujeito passa a interagir com o mundo de maneira mais segura, “buscando um grupo ao qual se identifique para deixar de ser sozinho” Ribeiro (2015, p.13). Além de ser crítica e participativa, rompendo com a dependência de terceiros e assumindo o protagonismo sobre sua própria vida.

Nesse sentido, a transição para a alfabetização no contexto da EJA transcende a mera aquisição de uma habilidade instrumental, consolidando-se como um movimento profundo em direção à autodeterminação, à medida que o educando domina o código escrito, ele expande sua capacidade de realizar escolhas

conscientes, fundamentando sua motivação não mais em pressões externas ou na dependência de outrem, mas no reconhecimento de seu potencial de agência.

Esse processo de emancipação é intrinsecamente ligado à resiliência, pois o ato de aprender, quando acompanhado da valorização de sua história, permite que o indivíduo sustenta o esforço necessário para transformar sua realidade, legitimando sua voz no espaço público. Nesse contexto o letramento é o estado ou a condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas usa socialmente a leitura e a escrita, é a apropriação dos instrumentos da cultura letrada, no caso da EJA, o objetivo não pode ser apenas a alfabetização, mas o letramento, que é a capacidade de usar essa tecnologia para a interação crítica com o mundo e a conquista de autonomia plena, Soares (2003).

Ao assumir o protagonismo sobre sua própria trajetória, o sujeito não apenas aprimora suas competências cognitivas, mas integra os saberes escolares aos seus valores pessoais, elevando sua motivação a patamares mais autônomos, levando a autodeterminação, ou seja, atua como o pilar que sustenta o exercício da cidadania ativa; o educando, agora mais autônomo e crítico, passa a enxergar o conhecimento como uma ferramenta de justiça social.

Esse engajamento, nutrido pela superação de obstáculos, fortalece uma resiliência que é, simultaneamente, individual e coletiva, tornando a educação um projeto de vida que reafirma a identidade do sujeito frente aos desafios estruturais, assim, a busca pelo saber torna-se um ato de liberdade, onde a motivação genuína e a autonomia caminham lado a lado na construção de uma sociedade mais inclusiva e participativa.

Em relação às características pessoais dos estudantes, o que importa são as metas que esses têm no momento da aprendizagem e as repercussões objetivas que o alcance delas possui, a motivação humana é compreendida não como um construto unitário, mas como um continuum que varia em função do grau de autonomia e da autodeterminação do sujeito. É importante frisar que não existe ausência de motivação, os alunos estão sempre motivados, o que acontece é que algumas vezes suas motivações não coincidem com o que os professores gostariam, assim o envolvimento motivador para aprender necessita ser construído na ação em sala de aula (Schwartz 2014).

3.1 MOTIVAÇÃO EXTRÍNSECA

No estágio inicial desta motivação encontra-se a desmotivação, definida pela ausência de intenção e de sentido no comportamento, neste estado, o aluno realiza atividades de forma mecânica ou as abandona por completo, uma vez que não identifica razões claras para o esforço despendido, mesmo que em períodos anteriores tenha vislumbrado algum propósito na tarefa.

A partir desse ponto, o comportamento passa a ser regido por diferentes níveis de motivação extrínseca, “a epistemologia empirista percebe este tipo de motivação como uma motivação onde não se enfatiza o que se aprende, mas as consequências de ter aprendido” Schwartz (2014 p.9), cujos estímulos são externos à execução da atividade. A forma mais elementar é a regulação externa, na qual a ação é dependente de contingências ambientais, como a busca por recompensas tangíveis; deste modo, “aprender não supõe a atividade do aprendiz, e sim a reprodução de um conhecimento considerado acabado” Schwartz, (2014 p.9).

Em um nível de menor controle externo, surge a regulação introjetada, nela, as pressões são internalizadas, mas não plenamente aceitas pelo eu, o aluno age para mitigar sentimentos de culpa, ansiedade ou para sustentar uma autoestima baseada no reconhecimento social e no orgulho, nesse cenário, o próprio sujeito administra suas pressões psicológicas, estudando diligentemente para evitar a sensação de inadequação ou para não decepcionar figuras de autoridade.

O avanço na autonomia ocorre com a regulação identificada, estágio em que o aluno atribui um valor consciente e pessoal à atividade, embora a motivação ainda seja instrumental, a tarefa é aceita como importante para o alcance de metas de longo prazo, quando essa identificação se alinha plenamente aos valores, interesses e à identidade do aluno, atinge-se a regulação integrada, o nível mais autodeterminado da motivação extrínseca.

3.2 MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA

A motivação intrínseca representa o ápice da autonomia, em que o engajamento decorre do prazer inerente e da satisfação intelectual gerada pela própria tarefa, sem a necessidade de reforços externos, a curiosidade, o interesse e o esforço não surgem de modo isolado, isto é dependendo tanto do conhecimento

prévio, como do contexto onde ocorrem as situações, Schwartz (2014).

A qualidade do processo de aprendizagem está intrinsecamente vinculada ao quão autodeterminado é o comportamento do discente, evidências alcançadas na pesquisa sugerem que ambientes que promovem a autonomia favorecem uma motivação de melhor qualidade, o que correlaciona positivamente com o desempenho acadêmico superior e com a persistência nas atividades educativas, às escolhas de atuação de uma pessoa podem ser explicadas/compreendidas também por determinantes sociais, cognitivos, afetivos, além dos motivacionais, com as idiossincrasias pertinentes ainda de acordo com Schwartz (2014).

A intersecção entre os fatores motivacionais e a resiliência assume um papel determinante na permanência e no sucesso acadêmico, diferente do ensino regular, o aluno da EJA frequentemente retorna ao ambiente escolar após históricos de exclusão ou interrupções forçadas, o que exige uma transição de regulações externas, para formas mais autônomas de motivação, como a regulação identificada.

Nesse cenário, a resiliência manifesta-se como a capacidade de converter barreiras socioeconômicas e cansaço físico em impulso para o aprendizado; quando o estudante percebe o ambiente educativo como um espaço de suporte à sua autonomia e valorização de suas experiências prévias, ele desenvolve uma estrutura psicológica mais robusta, permitindo que a motivação, ainda que inicialmente extrínseca, se transforme em um compromisso intrínseco com a própria emancipação social e intelectual.

A consideração de tais motivações pelos educadores é um fator que favorece a permanência e o sucesso escolar, quando o conteúdo é significativo, quando o ritmo de aprendizagem é respeitado e quando há espaço para a escuta e o acolhimento, o aluno se sente pertencente ao ambiente escolar e mais propenso a manter-se engajado no processo educativo, por isso é muito importante “Reinventar identidades educadoras, capazes de entender com que educandos convivemos, que educandos formamos” Arroyo, (2017, p. 12).

3.3 MOTIVAÇÃO SOCIOAFETIVA

Nepomuceno (2019), aplicou a Escala de Avaliação da Motivação para Aprender EMA-U em 87 estudantes do primeiro ciclo da EJA e identificaram que 64,4 % haviam abandonado a escola originalmente por necessidade de trabalhar e 47,1 % destacaram o desejo de aprender a ler e escrever. Esses dados revelam uma realidade complexa e multifacetada no perfil dos educandos da EJA, o elevado percentual de abandono escolar por necessidade de trabalhar evidencia o impacto das desigualdades socioeconômicas, que obrigaram esses sujeitos a priorizar a sobrevivência em detrimento da escolarização.

Compreender a motivação econômica e profissional dos alunos é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que dialoguem com seus objetivos concretos. A EJA está impregnada pelo discurso da reparação, tanto no sentido de compensar o tempo perdido quanto de curar a ferida da exclusão, Carvalho (2006). A busca pelo diploma é um ato de reconstrução da identidade social, na medida em que o sujeito tenta apagar as marcas do fracasso escolar e se reafirmar como cidadão pleno, capaz de participar do mundo letrado, desta maneira a escolarização tardia é, assim, uma luta por dignidade e reconhecimento.

O ambiente escolar, quando acolhedor e sensível às trajetórias dos educandos, contribui para o fortalecimento dos vínculos afetivos que sustentam a motivação, a construção de relações respeitadas entre professores, alunos e equipe pedagógica favorece a criação de um espaço seguro. A escola, nesse sentido, deixa de ser apenas um local de ensino formal e passa a ser um espaço de reconstrução simbólica, onde o educando é reconhecido em sua totalidade, ao assumir esse papel reparador e transformador, a EJA reafirma seu compromisso com a justiça social e com o direito à educação ao longo da vida.

A EJA tem o potencial de ser o espaço onde os sujeitos das classes populares podem reconstituir suas identidades coletivas e transformar a dor da exclusão em força de luta. O encontro na sala de aula, ao permitir o reconhecimento das marcas de percursos de vida e trabalho comuns, gera uma solidariedade que supera a lógica individualista da competição. A escola, ao acolher essas identidades e experiências, permite que o aprendizado seja vivido como construção coletiva e ato de reivindicação da dignidade (Arroyo, 2017, p. 110).

Ao compartilhar experiências de exclusão, trabalho precoce, invisibilidade social e abandono escolar, os alunos constroem entre si uma rede de apoio afetivo

e simbólico que fortalece a motivação individual e coletiva, cada aluno inspira os demais, não apenas por sua trajetória de superação, mas pela coragem de reivindicar o direito à educação como expressão de dignidade, esse ambiente de troca e reconhecimento mútuo transforma a sala de aula em um espaço de pertencimento, onde o aprendizado é vivido como construção coletiva.

A solidariedade entre os educandos rompe com a lógica da competição e promove uma cultura de cooperação, escuta e acolhimento, ao perceberem que não estão sozinhos em suas lutas, os alunos desenvolvem maior resiliência e engajamento, sustentando sua permanência na escola mesmo diante de adversidades externas. Além disso contribui para a reconstrução da autoestima e da identidade dos sujeitos, o reconhecimento das histórias dos colegas, a valorização dos saberes populares e a celebração das conquistas individuais e grupais criam um ambiente pedagógico mais humanizado, onde o conhecimento é compartilhado e a aprendizagem se torna um ato de comunhão.

A EJA, nesse contexto, reafirma seu papel como espaço de inclusão social e de reconstrução de vínculos, promovendo não apenas a alfabetização, mas também a cidadania ativa e a justiça social, essa dinâmica de acolhimento e valorização mútua atua como um catalisador da resiliência, permitindo que o estudante ressignifique trajetórias marcadas pela exclusão e pelo estigma do fracasso escolar.

Ao perceber que seus saberes prévios são validados e que sua história de vida possui valor acadêmico, o sujeito desenvolve uma estrutura psicológica mais robusta para enfrentar as adversidades cotidianas, como a jornada dupla de trabalho e as barreiras socioeconômicas.

Outrossim, a resiliência na EJA não deve ser vista apenas como uma capacidade individual de suportar pressões, mas como um processo coletivo fortalecido por esse ambiente humanizado, quando o erro é tratado como parte do aprendizado e a conquista do colega é celebrada como uma vitória do grupo, cria-se uma rede de apoio que sustenta a motivação em momentos de crise. Assim, o fortalecimento da identidade e da autoestima alimenta a capacidade de persistir, transformando o retorno à escola em um projeto de vida autodeterminado, dessa forma, a educação se consolida como um exercício de resistência e superação, onde a alfabetização é indissociável da emancipação e do fortalecimento da resiliência necessária para o exercício pleno da cidadania.

4 A INFLUÊNCIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA AUTOMOTIVAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Muitos alunos que retornam à escola carregam em si marcas profundas de experiências anteriores de fracasso escolar, abandono precoce e exclusão social, essas vivências, muitas vezes dolorosas, geram sentimentos ambíguos diante do retorno, “Por que voltam os educandos a fazer-refazer percursos escolares?” questiona Arroyo (2017, p. 14). Há por um lado, a esperança de transformação e conquista; por outro, o medo da repetição do fracasso, a insegurança diante dos conteúdos e o receio de não corresponder às expectativas.

Neste cenário complexo, os fatores motivacionais que impulsionam o ingresso na EJA são múltiplos, interdependentes e profundamente enraizados na realidade social dos educandos, assim sendo a história o tempo de possibilidade e não de determinismo, o ser humano que se reconhece como incompleto, mas capaz de ir além de sua situação, carrega em si a esperança e a capacidade de se refazer. É a partir desse reconhecimento que a educação, especialmente a EJA, se torna a prática da liberdade e o instrumento fundamental para a ressignificação da existência e a superação das condições de exclusão (Freire, 1992)

Não há como fazer educação e ignorar as experiências sociais extremas e as interrogações desestruturantes, Arroyo (2017). Neste contexto, a alfabetização deve promover o resgate da dignidade, especialmente entre aqueles que, por anos, enfrentaram situações de constrangimento ou exclusão por não dominarem a linguagem escrita.

O simples ato de assinar o próprio nome ou enviar uma mensagem pelo celular torna-se uma conquista significativa, carregada de sentido pessoal e social, por isso, o retorno à escola é também um gesto de afirmação e resiliência, onde o educando reivindica seu direito de aprender e de ocupar espaços historicamente negados, superando barreiras estruturais para reescrever sua trajetória.

A busca pela escolarização como estratégia de ascensão social constitui uma das principais forças motivadoras do aluno adulto; em um cenário marcado por desigualdades e exigências crescentes, o certificado e o letramento funcional são vistos como requisitos básicos para a inserção no mercado formal, nesse sentido, a articulação entre a EJA e a educação profissional potencializa a autodeterminação do

estudante, pois conecta diretamente os conteúdos escolares às demandas concretas do trabalho, conferindo maior motivação ao processo de aprendizagem.

Reconhecer os jovens-adultos como sujeitos de "rebelião" confere a seus itinerários por educação radicalidades político-pedagógicas que redefinem a função da EJA, das escolas públicas e do trabalho dos seus profissionais. Confere especificidades na formação de profissionais capacitados a entender essa "rebelião" que esses sujeitos levam à EJA, às escolas: formação para entender, acompanhar o problema de sua humanização-desumanização (Arroyo 2017, p. 9).

Ao alinhar a educação aos objetivos profissionais e aspirações pessoais, a escola deixa de ser apenas uma instituição formal e passa a ser um ambiente de acolhimento que fortalece a resiliência do educando, essa integração é fundamental, pois permite que o aluno visualize a aplicabilidade do conhecimento, transformando a necessidade externa em um objetivo pessoal internalizado.

Assim, a contextualização dos conteúdos e o reconhecimento das vivências dos educandos tornam o processo educativo mais significativo e eficaz, consolidando a EJA como um espaço onde a motivação extrínseca é gradualmente refinada por uma autodeterminação que sustenta a persistência e a cidadania ativa diante das adversidades da vida adulta.

Os índices de evasão e permanência na EJA estão condicionados não apenas a fatores socioeconômicos, mas principalmente à qualidade do acolhimento escolar Di Pierro (2005). Para a autora, um currículo significativo, que valorize os saberes prévios dos estudantes, é fundamental para fortalecer a motivação intrínseca e garantir o engajamento do aluno no processo educativo, a expectativa de alcançar um emprego melhor ou obter uma promoção funciona como um estímulo constante à permanência e à superação de obstáculos.

No entanto, é crucial diferenciar a motivação para o engajamento, da motivação para o desempenho, as análises estatísticas de Nepomuceno (2019) mostraram que a ausência de correlação significativa entre o nível de motivação e o desempenho acadêmico sugere que, embora a motivação seja um fator importante para o engajamento escolar, ela não atua isoladamente na aprendizagem.

Contudo, é importante destacar que a motivação, mesmo não sendo diretamente associada ao rendimento escolar, exerce papel fundamental na permanência, na resiliência e na construção de vínculos com o processo educativo, os alunos demonstram uma notável capacidade de resiliência, enfrentando desafios com coragem e apostando na possibilidade de transformação pessoal.

Porém não basta apenas garantir a matrícula na EJA, é preciso garantir a permanência do aluno, e esta está intimamente ligada à capacidade da escola de construir um ambiente de acolhimento, onde o professor seja um mediador sensível às trajetórias e aos saberes dos estudantes, Di Pierro, (2005). O sucesso na EJA passa, necessariamente, pela superação da cultura do fracasso escolar e pela afirmação do direito à educação ao longo da vida em um contexto de justiça social.

A motivação que estimula os estudantes no retorno à escola também possui uma forte **influência intergeracional e familiar**, diversos educandos relatam o desejo de acompanhar mais de perto os estudos dos filhos e netos, participar de reuniões escolares e contribuir com as tarefas de casa, aqui, a alfabetização é percebida como uma ponte entre gerações, capaz de fortalecer os vínculos familiares e promover uma cultura de valorização da educação no ambiente doméstico.

Para pais e avós, o retorno à escola representa não apenas uma conquista pessoal, mas também um gesto de cuidado e responsabilidade com o futuro de seus descendentes, a motivação familiar e intergeracional é um elemento central fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que dialoguem com os afetos, os vínculos e os projetos de vida dos educandos. O retorno do adulto à escola gera um impacto positivo que ultrapassa o indivíduo, alcançando a dinâmica familiar, ao se alfabetizar, o adulto ressignifica o valor da educação no ambiente doméstico, servindo de estímulo para os filhos e fortalecendo os vínculos de apoio escolar, o que caracteriza um importante processo de mobilidade social e educacional intergeracional, Ribeiro (2003).

O histórico de exclusão educacional não apenas marca os sujeitos, mas também se converte em combustível para a retomada dos estudos, é importante saber “Quem são esses que chegam às escolas públicas, vindos do trabalho, da sobrevivência, da pobreza extrema?” Arroyo (2017, p. 12). Isso, porque cada aluno da EJA carrega consigo memórias de trabalho infantil, invisibilidade social, abandono e silenciamento; no entanto, ao adentrar a sala de aula, esses sujeitos encontram um espaço de reconstrução identitária, nesse ambiente, eles podem resgatar a autoestima, reconfigurar suas narrativas e conquistar saberes outrora negados.

Outras crianças, outros adolescentes, jovens e adultos das periferias, dos campos, trabalhadores, pobres, negros, indígenas e quilombolas que vão chegando às escolas públicas e à EJA não lutam apenas pelos conhecimentos escolares a que têm direito. Disputam o direito a conhecimentos ausentes, sobre seu sobreviver, seu resistir. Saberes de outra história social, racial e de classe que vivenciam e que têm direito a saber para

entender-se. Disputam o direito a que os saberes dessa outra história de segregação e de emancipação sejam incorporados como seu direito ao conhecimento (Arroyo, 2017, p. 14).

A força de vontade para aprender, aqui, não deriva de uma imposição institucional, mas de uma necessidade interna de reparação e pertencimento, onde a **resiliência pessoal** atua como o motor que transforma o desejo de mudança em ação concreta de autodeterminação, a prática pedagógica do docente exerce influência decisiva na motivação dos alunos, uma vez que a escola se constitui como um lugar de escuta, acolhimento e reconstrução simbólica.

Para que o educando se sinta reconhecido como sujeito de direitos e saberes, os educadores precisam compreender os itinerários humanos complexos que esses estudantes percorreram, é imperativo construir práticas que não apenas respeitem, mas potencializem suas singularidades, adotando abordagens que alimentem a força motivacional e fortaleçam a resiliência escolar.

É sabido que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (Freire, 1996, p. 22). Quando o educador assume a sua postura dialógica, reconhecendo o educando como um sujeito de história e cultura, e valoriza o seu saber de experiência feito, ele age eticamente e estende o convite à emancipação, é nesse ato de respeito e escuta que a educação se torna, verdadeiramente, uma intervenção no mundo para a transformação.

Quando o **ambiente de aprendizagem** é estruturado para acolher essas trajetórias, o passado deixa de ser visto como um obstáculo e passa a ser uma fonte de potência, esse processo de valorização transforma a sala de aula em um espaço de emancipação, onde o conhecimento é vivenciado como conquista. Ao assumir esse papel, a EJA reafirma seu compromisso com a justiça social e com a educação como prática de liberdade, demonstrando que a resiliência pessoal de cada estudante, aliada a um ambiente que promove a autodeterminação, cria o alicerce necessário para que o educando transcenda sua realidade e reivindique seu lugar como cidadão ativo e consciente.

O ânimo de alfabetizar-se está profundamente ligado à superação de limitações impostas pela condição de analfabetismo, que frequentemente gera sentimentos de exclusão, dependência e invisibilidade, “O conhecimento científico não está distribuído de forma equitativa, motivo pelo qual suas intervenções na prática tendem a servir os grupos sociais que têm maior acesso

a ele” Sousa Santos apud Menezes (2019). Ao buscar a alfabetização, o sujeito adulto reivindica seu direito de compreender e interagir com o mundo letrado, rompendo com barreiras que o afastam do exercício pleno da cidadania.

A leitura e a escrita tornam-se, nesse contexto, ferramentas de empoderamento, permitindo ao educando acessar informações, tomar decisões com mais segurança e participar de forma ativa na vida comunitária e familiar, além disso, o desejo de alfabetização atua como propulsor da força de vontade e da resiliência escolar, mesmo diante de desafios como a conciliação entre trabalho, família e estudo.

Os alunos demonstram elevado comprometimento com o processo educativo, motivados pela expectativa de transformação pessoal, o público da EJA é um grupo heterogêneo e complexo, com necessidades e expectativas muito variadas, a educação de jovens e adultos não deve ser vista como uma oferta subsidiária ou provisória, mas como uma política educacional essencial e permanente, declara Arroyo (2005) apud Soares.

A compreensão das características desse público é fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas eficazes, que garantam o direito à educação para todos, que respeitem os ritmos individuais, valorizem os saberes prévios e promovam uma aprendizagem significativa. A escola, ao acolher esse desejo e transformá-lo em ação educativa, reafirma seu papel como espaço de inclusão, reparação e construção de novos projetos de vida.

Art. 37. A educação de jovens e adultos deve ser destinada a quem não teve acesso ou interrompeu o ensino fundamental e médio na idade adequada. § 1º Os sistemas de ensino devem proporcionar aos jovens e adultos que não puderam realizar os estudos na idade adequada, gratuitamente, oportunidades educacionais adequadas, considerando as características, interesses, condições de vida e de trabalho dos alunos, por meio de cursos e exames. § 2º O Poder Público garantirá e estimulará o acesso e a permanência dos trabalhadores na escola, por meio de ações integradas e complementares. §3. A educação de jovens e adultos deve ser articulada preferencialmente com a educação profissional, nos termos da regulamentação (Brasil, 1996).

A valorização da trajetória individual, aliada ao fortalecimento dos vínculos afetivos e comunitários, contribui para que a escola se torne um espaço de reconstrução simbólica, onde o educando pode resgatar sua dignidade e seu direito à educação, assim, o educador deve atuar como mediador sensível, capaz de reconhecer e valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, promovendo uma educação dialógica, contextualizada e emancipatória

É preciso reinventar a educação, analisar as contribuições, os riscos e as mudanças advindas da interação com a cultura digital, Bacich e Moram (2018). A adequação das práticas pedagógicas às motivações dos alunos é o ponto de convergência entre o motivo do retorno e a garantia da permanência e sucesso escolar, reconhecer a diversidade de motivações que levam os adultos á retomar a escola é um passo essencial para garantir uma educação inclusiva, transformadora e comprometida com a justiça social.

A escola deixa de ser apenas um local de transmissão de conteúdos e passa a ser um espaço de escuta, acolhimento e reconstrução de histórias, um dos maiores desafios é a tendência de tratar o público da EJA de maneira homogênea, desconsiderando a rica diversidade de trajetórias, saberes e vivências dos alunos.

Cada estudante traz consigo uma história única, seja em relação à idade, ao tempo fora da escola, às condições de trabalho, ou às responsabilidades familiares, o que exige uma abordagem pedagógica flexível e sensível, no entanto, muitas vezes as práticas educacionais não reconhecem essa diversidade e tratam todos os alunos da EJA como se estivessem no mesmo patamar, aplicando metodologias que não fazem sentido para os seus contextos específicos, é fundamental que haja uma educação que ofereça condições de aprendizagem em contextos de incertezas e no desenvolvimento de múltiplos letramentos, oferecendo autonomia para resolução de problemas complexos, promovendo a convivência com a diversidade, Bacich e Moran (2018).

Por isso é essencial que o professor conheça a fundo cada aluno e saiba quais os fatores motivacionais o fizeram retornar à escola e principalmente permanecer na mesma. Deve-se reconhecer que a força de vontade dos educandos da EJA não é fruto de uma motivação isolada, mas de um impulso profundo de transformação, que articula desejo, história e luta por reconhecimento, ao compreender essas camadas, o educador pode construir práticas pedagógicas mais humanizadas, que respeitem a complexidade dos sujeitos e promovam uma educação verdadeiramente emancipadora.

A realização de diagnósticos iniciais na Educação de Jovens e Adultos, é uma estratégia pedagógica eficaz para fortalecer o engajamento dos educandos e promover maior clareza em relação aos objetivos de aprendizagem, instrumentos como entrevistas semiestruturadas, mapeamento de barreiras e contratos de aprendizagem contribuem significativamente para o aumento do senso de propósito

dos estudantes, especialmente nos primeiros ciclos da EJA, a metodologia do professor da EJA deve se voltar para a criatividade, reflexão, formação de seres críticos e pensantes, Bacich e Moran (2018).

Contudo, existe uma desconexão entre o que é proposto teoricamente para a EJA e o que é efetivamente colocado em prática nas salas de aula, as ideias sobre uma pedagogia crítica e emancipatória, que se baseiam na valorização dos saberes prévios e na aprendizagem significativa, “a injustiça social se baseia na injustiça cognitiva” Sousa Santos apud Menezes (2019), isso ocorre porque as propostas pedagógicas, frequentemente, não conseguem superar a limitação de métodos tradicionais de ensino, como a ênfase excessiva em conteúdos teóricos ou em avaliações padronizadas, que não consideram a realidade e os desafios do público da EJA.

Isso leva a um ensino que, embora teoricamente promova uma abordagem mais inclusiva, na prática acaba por afastar ainda mais os alunos, tornando a aprendizagem um processo desinteressante e desconectado de suas vidas cotidianas, essa modalidade de ensino é frequentemente tratada como uma política compensatória, voltada para resolver questões pontuais, em vez de ser considerada uma modalidade de ensino legítima e essencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva.

As Estratégias que promovem a autorregulação da aprendizagem, como o **estabelecimento de metas e o monitoramento dos desempenhos**, são essenciais para alunos adultos, Boruchovitch e Bzuneck (2010), pois fortalecem sua autonomia e senso de controle sobre o processo educativo. Quando o aluno se sente capaz de planejar e acompanhar seu percurso, a motivação intrínseca é reforçada, levando a um maior engajamento e persistência diante das dificuldades, o que se traduz em maior probabilidade de permanência e sucesso escolar.

As práticas aplicadas devem permitir ao educador conhecer melhor o perfil dos alunos, suas motivações, dificuldades e expectativas em relação ao processo educativo, ao identificar os obstáculos que interferem na trajetória escolar como questões familiares, demandas laborais, limitações cognitivas ou emocionais, é possível construir planos de ação personalizados, que respeitem a singularidade de cada sujeito e favoreçam sua permanência na escola.

Com isso o contrato de aprendizagem, funciona como um compromisso mútuo entre aluno e professor, estabelecendo metas claras, prazos e responsabilidade, essa

ferramenta não apenas organiza o percurso formativo, mas também fortalece a autonomia e a autorregulação dos educandos, que passam a visualizar seu progresso de forma concreta; a definição de metas alcançáveis e significativas contribui para o desenvolvimento da resiliência escolar e para a construção de uma relação mais positiva com o ambiente educativo.

Além disso, o diagnóstico inicial permite que **a escola se torne um espaço mais acolhedor e responsivo**, capaz de adaptar suas práticas às necessidades reais dos alunos ao promover uma escuta ativa e uma abordagem pedagógica centrada no sujeito, reafirmando seu papel como modalidade inclusiva, comprometida com a justiça social e com a valorização das trajetórias individuais.

Um outro fator motivacional que contribui para a permanência dos alunos na escola é a **escuta ativa** e constante dos alunos, o que cria uma aproximação entre o que é ensinado e o que realmente faz sentido para os estudantes, promovendo assim um diálogo com as experiências de vida dos alunos, o que permite que o currículo se conecte com suas necessidades e com suas expectativas.

Em contrapartida, quando os saberes dos alunos não são reconhecidos ou valorizados, eles se sentem deslegitimados, o que reforça a ideia de que a escola não é um espaço para eles, esses desafios evidenciam que, para que a prática pedagógica da EJA seja eficaz, é preciso uma mudança no modo como a modalidade é pensada e tratada dentro do sistema educacional.

A educação de jovens e adultos deve ser vista como uma resposta aos desafios da atualidade, onde a educação se torna essencial para a emancipação desses estudantes, Arroyo (2005) apud Soares, refuta a ideia que a EJA seja uma solução provisória para os problemas educacionais e a coloca como um campo legítimo de ensino, que deve possuir um currículo adaptado às realidades desses estudantes.

Isso implica não apenas adaptar os métodos de ensino, mas também garantir que os recursos, a formação docente e as políticas públicas estejam alinhados com as necessidades específicas desse público, garantindo que a educação seja, de fato, um direito acessível e significativo para todos.

A escola cidadã é uma escola que vive a comunidade, que vive o bairro. Ela é uma escola de comunidade, é uma escola de companheirismo, de solidariedade. Ela não é apenas um lugar onde se transmite o conhecimento. Ela é um lugar de vida (Gadotti 2001, p. 256).

Ao reconhecer o valor das expressões culturais como parte integrante do processo de aprendizagem, a escola reafirma seu papel como espaço de transformação social e valorização dos saberes plurais, nesse cenário, a perseverança e o autocontrole emergem como pilares da resiliência escolar, sendo indicadores fundamentais para a compreensão da persistência na EJA. Níveis elevados de motivação autônoma estão diretamente associados à capacidade do aluno de manter o esforço em prol de objetivos de longo prazo, mesmo diante das adversidades que marcam a vida adulta.

Resiliência é uma abordagem teórica de um conceito extraído da física e muito usado pela engenharia e que representa a capacidade de um sistema em superar o distúrbio imposto por um fenômeno externo e inalterado. É a propriedade de retornar à forma original após ter sido submetido a uma deformação (Antunes, 2007, p. 13)

Essa competência é vital para sujeitos que enfrentam o acúmulo de desafios socioeconômicos e emocionais, permitindo que a resiliência pessoal atue como um escudo contra o abandono escolar, contudo, é imperativo reconhecer que o estudante da EJA frequentemente chega ao ambiente escolar após uma jornada exaustiva, o que impõe um desafio crítico aos educadores.

Uma didática centrada exclusivamente em métodos tradicionais revela-se insuficiente para sustentar a motivação necessária diante de uma rotina sobrecarregada pelo trabalho e pelas responsabilidades familiares, é essencial, portanto, que as abordagens pedagógicas sejam inovadoras e sensíveis às particularidades desse público, integrando o aprendizado ao cotidiano do aluno para evitar sentimentos de deslocamento.

Quando o ensino não considera essas realidades, o risco de desmotivação aumenta; todavia, quando a prática pedagógica se torna um exercício de escuta e acolhimento, ela fomenta a resiliência escolar, ao articular os conteúdos acadêmicos com as experiências de vida, o professor transforma a sobrecarga externa em um combustível para a autodeterminação. Nesse contexto, a escola deixa de ser apenas uma exigência institucional e torna-se um espaço de fortalecimento identitário, onde a capacidade de persistir é cultivada por meio de um currículo que reconhece a potência do aluno, transformando sua trajetória de resistência em um projeto consciente de emancipação social.

5A RESILIÊNCIA ESCOLAR NA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS DA UNIDADE DE ENSINO FUNDAMENTAL CHAGAS ARAÚJO

Este estudo é uma pesquisa exploratória descritiva com abordagem qualitativa, ideal para aprofundar a compreensão da complexidade dos sujeitos da EJA e dos fenômenos de engajamento e transformação, a pesquisa exploratória se justifica por seu objetivo primordial de proporcionar maior familiaridade com o problema Gil, (2002), permitindo ao pesquisador imergir nas experiências e nas narrativas dos educandos da EJA para identificar as nuances de suas motivações e as barreiras que enfrentam. Foi adotada a abordagem qualitativa descritiva, para compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes, focando na descrição detalhada e na interpretação dos dados.

No contexto da EJA, essa metodologia é crucial para valorizar as trajetórias de vida e os saberes prévios dos alunos, permitindo que suas histórias de exclusão e seu impulso por reparação sejam analisados em profundidade, gerando conhecimentos ricos para a construção de práticas pedagógicas humanizadas e verdadeiramente emancipadoras.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi aplicado um questionário de 10 (dez) questões, sendo 5 perguntas abertas e 5 perguntas fechadas, para com os alunos do segundo ciclo (6º ao 9º ano) da EJA da U.E.F Chagas Araújo que fica localizada na rua nova, bairro Alto Bandeirante, na cidade de Bacabal-MA, tendo como intuito obtenção de informações sobre a motivação desses estudantes para prosseguir nos estudos e a resiliência que os fortalece.

A análise dos dados foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, fundamentada na técnica de análise de conteúdo e observação que é uma coleta de dados muito importante na pesquisa e uma forma de obter mais informações acerca do estudo, Marconi e Lakatos (2017), o que permitiu interpretar as nuances das percepções dos alunos e as dinâmicas observadas no ambiente escolar.

Inicialmente, todo o material coletado passou por uma fase de organização e preparação, que incluiu a sistematização das notas registradas no diário de campo durante as observações das práticas pedagógicas, este processo de pré-análise foi essencial para que se tomasse contato direto com o corpus documental, permitindo uma leitura flutuante que precede a identificação de unidades de significado.

Na etapa seguinte, os dados foram submetidos a um processo de decodificação e categorização, onde as respostas dos questionários foram agrupados em núcleos temáticos baseados nos tipos de motivação identificados, essas categorias buscaram diferenciar os estímulos intrínsecos, extrínsecos e socioafetivos que influenciam a persistência dos discentes, correlacionando-os com as estratégias didáticas adotadas pelos professores.

A intenção é que os dados deixem de ser fragmentos isolados para se tornarem um conjunto articulado de informações que expliquem o fenômeno da resiliência educacional no contexto investigado.

Também foi aplicada a triangulação de dados como método de validação científica, confrontando as observações do cotidiano escolar com as respostas subjetivas dadas pelos alunos, essa confrontação foi vital para verificar se as práticas pedagógicas observadas. Todo o processo de interpretação está amparado pelo referencial teórico adotado, garantindo que as conclusões sejam inferências fundamentadas na realidade observada e na literatura científica sobre motivação na educação de jovens e adultos.

5.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos dados apresentados no Quadro abaixo, os resultados do questionário aplicado aos alunos da turma da EJA aqui pesquisada, revelam uma realidade clássica e muito discutida na literatura sobre a Educação de Jovens e Adultos, que é a forte influência de determinantes socioeconômicos e familiares na interrupção precoce dos estudos, isso mostra que fatores externos como trabalho e família foram os principais motivos de evasão.

Quadro 1: Escolaridade

Por que você não pôde concluir seus estudos na idade regular? Conte um pouco sobre os obstáculos que enfrentou naquela época?
4 dos 7 alunos que participaram da pesquisa relataram que evadiram-se da escola porque precisaram trabalhar para ajudar nas despesas de casa.
2 alunos relataram que pararam de estudar por terem casado/engravidado.
1 aluno relatou falta de interesse próprio.

Fonte: Autora (2026)

Os dados coletados apontam que a interrupção dos estudos não se configura como uma decisão isolada, mas como um reflexo direto das disparidades socioeconômicas que estruturam a sociedade brasileira, observa-se que a necessidade de inserção precoce desses alunos no mercado de trabalho para complementação da renda familiar foi o fator predominante, correspondendo a 57% dos relatos. Esse cenário reafirma que as desigualdades históricas empurram os indivíduos para fora da escola, impondo a priorização da sobrevivência imediata e da subsistência biológica em detrimento do direito constitucional à educação.

Nesse sentido, observa-se que o trabalho, para o educando da EJA, não surge como uma trajetória de profissionalização por escolha, mas como uma necessidade imperativa, a escola regular, ao falhar no diálogo com as condições materiais de vida da classe trabalhadora, acaba por forçar o estudante a priorizar o sustento doméstico. Os resultados indicam também que transições precoces para papéis sociais adultos impõem barreiras severas, especialmente para as mulheres, cujas trajetórias de vida são atravessadas por uma sobrecarga de cuidados que inviabiliza a continuidade dos estudos.

O afastamento escolar, muitas vezes lido de forma simplista como falta de motivação individual, deve ser interpretado como um processo de exclusão gerado por currículos rígidos e metodologias que não faziam sentido para a realidade do educando na época. Consequentemente, a resiliência educacional na EJA manifesta-se como uma resposta complexa a esse histórico de exclusão, a decisão de retornar aos bancos escolares após trajetórias marcadas pela urgência do sustento demonstra uma força adaptativa notável nesses alunos. Essa resiliência não é apenas a

capacidade de suportar adversidades, mas o esforço contínuo de conciliar o trabalho e a vida familiar com o desejo de retomar a escolarização, configurando-se, então, como um ato de resistência contra as estruturas que expulsaram esses sujeitos precocemente do sistema de ensino.

O ato de estudar, neste contexto, transforma-se em um exercício de cidadania, a alfabetização e o estudo são, acima de tudo, um ato de criação e recriação, onde a motivação é alimentada pela possibilidade de validar saberes construídos na prática social e de conquistar, finalmente, o protagonismo em sua própria trajetória formativa, Freire (1981). A motivação atual dos estudantes desta pesquisa reside na ressignificação de suas histórias de vida, ao buscar a modalidade EJA, cujos não procuram apenas o título acadêmico, mas o pertencimento que lhe foi negado e a superação das barreiras pedagógicas que outrora o afastaram.

O ato de estudar, neste contexto, transforma-se em um exercício de cidadania, onde a motivação é alimentada pela possibilidade de validar saberes construídos na prática social, um dos princípios fundamentais da proposta freiriana é o reconhecimento de que não existe uma hierarquia de conhecimentos, mas sim saberes diferentes que se encontram no diálogo educativo, Freire, (2017).

Quadro 2: Perspectivas

Para 43% dos participantes, o retorno ao ambiente escolar transcende a mera aquisição de conteúdos formais, configurando-se como um processo de reparação histórica e social.

O que mudou na sua vida ou no seu modo de ver o mundo depois que você começou a frequentar as aulas da EJA?

3 dos 7 alunos pesquisados relataram autoestima melhor

1 dos 7 alunos pesquisados relatou ter desenvolvido mais autonomia

1 dos 7 alunos pesquisados relatou que melhorou sua percepção de mundo

1 dos 7 alunos pesquisados relatou que seus pensamentos estão mais positivos
1 dos 7 alunos pesquisados não soube responder

Fonte: Autora (2026)

A melhora expressiva na autoestima dos sujeitos indica que o espaço acadêmico tem logrado êxito em desconstruir o estigma do fracasso ou da incapacidade crônica, marcas frequentemente carregadas por aqueles que foram privados do acesso à escola na infância ou juventude, isso porque “os sujeitos da EJA não são apenas alunos, são sujeitos de direitos, portadores de uma cultura, de uma história e de uma identidade que a escola não pode mais ignorar” (Arroyo, 2005, p. 18), desta forma esse fortalecimento do “eu” que o aluno desenvolve é o que permite ele se reconhecer como um sujeito de direitos e detentor de potencial de aprendizagem, independentemente da faixa etária em que se encontra.

Quando se diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” Freire (1981, p. 11). Significa que os impactos subjetivos da EJA operam uma reconfiguração na identidade pessoal do educando, ou seja esta modalidade funciona como um território de acolhimento e ressignificação de trajetórias anteriormente marcadas pela exclusão, possibilitando que os indivíduos recuperem a confiança em suas capacidades cognitivas e sociais, o desenvolvimento da autonomia expande diretamente a percepção de mundo do indivíduo,

Ao se apropriar do conhecimento sistematizado, esses estudantes deixam de ocupar uma posição de mero espectador das estruturas sociais e passam a atuar como atores conscientes de sua própria história, o processo de letramento na idade adulta não se limita ao domínio técnico da escrita, mas envolve uma inserção efetiva nas práticas sociais que exigem o uso da língua escrita, conferindo ao indivíduo o poder de agir sobre o meio em que vive, Soares (2004).

A apropriação do saber escolar formal dota o estudante de ferramentas fundamentais para o exercício de uma cidadania plena e crítica, alterando sua postura e engajamento diante da sociedade, a educação de jovens e adultos, numa perspectiva emancipatória, deve promover a autonomia do sujeito, permitindo-lhe não apenas ler o texto, mas compreender o contexto social em que está inserido para nele

intervir de forma crítica e transformadora, Gadotti, (2011). Com isso relatos concernentes ao desenvolvimento da autonomia (14,5%), e à ampliação da percepção de mundo (14,5%), dialogam estritamente com os pressupostos teóricos de uma educação emancipatória.

A inserção na EJA rompe com o ciclo de estagnação e inaugura perspectivas de novos planos de vida, resgatando sonhos que haviam sido silenciados pela rotina exaustiva e pelas dificuldades socioeconômicas.

O ambiente educativo deve atuar como um espaço de reconhecimento e valorização das diferenças, onde a identidade do educando é reconstruída a partir do diálogo entre seus saberes prévios e o conhecimento universal, Candau (2008). Contudo a emergência de pensamentos mais positivos, identificada nos depoimentos, corrobora o papel da escola como um vetor de esperança e como um dispositivo central para a reconfiguração dos projetos de vida desses estudantes.

Quadro 3: Conquistas

Conforme as proposições de Wallon (2007), a afetividade e a inteligência são funções integradas; a experiência de sucesso no aprendizado atua como um elemento tonificador do desenvolvimento cognitivo, transformando a percepção que o sujeito possui de suas próprias capacidades.

Como você se sente quando consegue realizar algo na escola que antes parecia impossível?

6 dos 7 alunos pesquisados relataram que se sentem felizes e com autoestima elevada

1 dos 7 alunos relatou que não sente nenhuma diferença

Fonte: Autora (2026)

O sucesso pedagógico na EJA atua como o principal motor para a transição entre diferentes tipos de motivação, inicialmente, muitos destes estudantes ingressaram na modalidade impulsionados por uma motivação extrínseca, de caráter

instrumental, focada na obtenção do diploma ou na melhoria da empregabilidade para suprir necessidades materiais, mas ao decorrer do tempo

Todavia, os resultados indicam que a permanência e a resiliência são sustentadas pela emergência de uma motivação intrínseca, quando 85,7% dos relatos associam a superação de barreiras de aprendizagem a sentimentos de felicidade e elevação da autoestima, com isso “o desejo de aprender não é o desejo de saber, mas o desejo de tornar-se outro, de aceder a uma outra dimensão de si mesmo” (Charlot, 2000, p. 55)” e o foco do aluno se desloca da recompensa externa para a satisfação pessoal e o prazer do domínio cognitivo.

Essa mudança é o que caracteriza a emancipação emocional do educando, para estes estudante, conseguir realizar uma tarefa anteriormente rotulada como impossível gera uma catarse que fortalece sua percepção de autoeficácia, este momento representa a elaboração superior da compreensão da prática social, transformando a visão limitada do educando em uma consciência crítica e dominadora do saber, conforme conceitua Saviani (2003).

Ao se perceber capaz, o sujeito ressignifica sua identidade e desconstrói a crença de que a escola não é o seu lugar, esse processo evidencia que o desenvolvimento cognitivo não ocorre de forma isolada, mas em simbiose com o fortalecimento do autoconceito positivo, transformando o ato de estudar em uma fonte de gratificação interna.

A escola, ao trabalhar com sujeitos da EJA, precisa ser mais do que um local de instrução; deve ser um espaço de recuperação da autoestima e da identidade. Aprender a ler e escrever, para esses sujeitos, é um ato de recuperar a fala e o lugar no mundo que lhes foram negados pelas estruturas de opressão (Arroyo, 2017, p.92).

Ao superar desafios no cotidiano escolar, o aluno busca não apenas o saber acadêmico, mas o reconhecimento social e o pertencimento que lhes foram negados historicamente, a superação de obstáculos pedagógicos ratifica que o êxito na realização de tarefas outrora inalcançáveis opera uma reconfiguração emocional profunda, onde o saber deixa de ter apenas um caráter pragmático e passa a carregar um forte valor afetivo,

Assim, a motivação na EJA se revela como um ciclo virtuoso, o sucesso escolar gera autoestima, que por sua vez nutre a motivação intrínseca necessária para enfrentar as barreiras socioeconômicas, consolidando a escola como um território de cura e emancipação psicológica. A crença do indivíduo em sua própria eficácia é o principal determinante da resiliência; quando o estudante supera uma tarefa rotulada como impossível, ele altera seu sistema de crenças, o que sustenta a motivação necessária para enfrentar as adversidades socioeconômicas.

Quadro 4: Prática docente

A permanência na EJA está condicionada ao reconhecimento de que os estudantes trazem tempos de aprendizagem heterogêneos, frequentemente impactados pela exaustão de jornadas duplas e pelo hiato temporal longe dos estudos formais, nesse cenário, o reconhecimento das trajetórias singulares de cada um exige que a escola supere a rigidez das séries e tempos uniformes, assumindo uma organização curricular que respeite a diversidade de vivências e as identidades coletivas dos trabalhadores, Arroyo (2011).

De que forma os professores e a escola podem ajudar você a se sentir mais motivado a não faltar e continuar estudando?

3 dos 7 alunos sugerem que os professores tenham mais paciência e entendam o ritmo de aprendizado de cada um

2 dos 7 alunos sugerem que os professores utilizem metodologias que ajudem a despertar a vontade de aprender

2 dos 7 alunos sugerem que os professores sejam mais prestativos e atenciosos

Fonte: Autora (2026)

A exigência de um ritmo padronizado atua como um fator de desmotivação extrínseca, reforçando sentimentos de exclusão, quando 42,9% dos participantes solicitam paciência e compreensão do ritmo individual, eles reivindicam o direito a uma pedagogia que rejeite a uniformização e respeite as trajetórias singulares de sujeitos que acumulam responsabilidades adultas.

Essa demanda revela que a resiliência educacional não depende apenas do esforço do aluno, mas da flexibilidade de uma estrutura escolar que deve se adaptar às suas condições materiais de vida, a necessidade de metodologias inovadoras e contextualizadas indica que o modelo tradicional de ensino falha em alimentar a motivação intrínseca desse público. O trabalho docente não é apenas a transmissão de conteúdos, mas a mediação entre o saber sistematizado e o nível de desenvolvimento do aluno. Para que a aprendizagem seja significativa, o professor deve partir da realidade vivida pelos estudantes, transformando o conteúdo em um instrumento de compreensão e transformação da sua prática social, Libâneo (2013).

Para que o estudante se sinta motivado a frequentar a escola após um dia exaustivo de trabalho, a didática precisa ser viva e significativa, dialogando diretamente com suas experiências prévias, uma aula que ignora a realidade do educando gera um distanciamento que culmina na evasão.

Em contrapartida, uma prática pedagógica que integra o saber acadêmico às vivências concretas atua como um potente catalisador do engajamento, transformando o conhecimento em uma ferramenta de leitura crítica do mundo, o educador deve ver o educando não como um objeto de ensino, mas como um sujeito histórico; assim, a autoridade docente deve ser exercida com base na ética e no diálogo, promovendo um ambiente de acolhimento que impeça o sentimento de exclusão, defende Paro (2010).

Na EJA, o vínculo de alteridade entre professor e aluno é um fator decisivo para a autoconfiança e a permanência, um ambiente acolhedor atua diretamente na subjetividade do estudante, fazendo com que ele se sinta valorizado como sujeito de direitos, a valorização da empatia e de uma didática diferenciada confirma que o combate à exclusão escolar transcende o mero cumprimento de currículos; ele se faz no estreitamento dos vínculos humanos.

O bom professor é o que consegue extrair de si mesmo a capacidade de ser humilde o bastante para aceitar que o outro é diferente e que o saber do outro deve ser respeitado." (FREIRE, 1996, p. 52), portanto, a postura ético-profissional do docente, ao equilibrar o rigor metodológico com a sensibilidade afetiva, se torna o

suporte necessário para que o aluno resgate seu protagonismo e transforme sua motivação inicial de sobrevivência em um projeto de emancipação duradouro.

Quadro 5: Expectativas

A Educação de Jovens e Adultos opera como um potente motor de expectativas, onde o ato de estudar permite ao sujeito retomar o planejamento do que está por vir, esse fenômeno demonstra uma transição fundamental na motivação do discente o que inicialmente poderia ser uma motivação extrínseca, focada apenas na regularização de uma pendência do passado, se converte em uma motivação intrínseca e prospectiva,

Qual é o seu maior sonho para o futuro após concluir seus estudos na EJA?
2 dos 7 alunos pesquisados desejam terminar o ensino médio
2 dos 7 alunos pesquisados desejam ingressar no ensino superior
1 dos 7 alunos pesquisados deseja conseguir um emprego
2 dos 7 alunos pesquisados não souberam responder

Fonte: Autora (2026)

O ato de aprender não é um acúmulo passivo de informações, mas sim o ingresso em um novo universo de possibilidades, "aprender é entrar em um mundo onde se exercem atividades, onde se encontram objetos, onde se tecem relações com os outros" Charlot (2005 p. 42), dessa forma, a aprendizagem na EJA permite que o sujeito ressignifique sua trajetória e planeje um futuro que anteriormente parecia inacessível.

O desejo manifestado de avançar para o Ensino Médio ou ingressar no Ensino Superior evidencia que a EJA não é compreendida como um ponto de chegada, mas como uma ponte fundamental para a reconstrução do autoconceito. Ao se perceberem capazes de dominar o conhecimento escolar, esses sujeitos fortalecem sua autoeficácia, projetando-se em degraus mais altos da pirâmide educacional.

Essa capacidade de ressignificar a relação com o saber é um dos pilares da resiliência educacional, para indivíduos que enfrentaram um histórico de exclusão, a escola deixa de ser um espaço de mera reparação de perdas e assume um papel propulsor de novas trajetórias acadêmicas e intelectuais, “a esperança não é um cruzar de braços e esperar. Mover-se na esperança é o caminho para transformar o futuro, pois o futuro não é algo dado, mas algo que se faz pela ação humana consciente” (Freire, 1992, p. 25).

Ao se descobrirem como seres em constante desenvolvimento, os estudantes mobilizam suas esperanças como uma ferramenta política e pessoal de transformação do futuro, a escolarização, portanto, é percebida como um instrumento de emancipação financeira e de conquista da dignidade, permitindo o rompimento com o ciclo de subempregos e a busca por inserções qualificadas no mundo do trabalho.

Contudo, os resultados também sinalizam a complexidade dessa transição subjetiva, para sujeitos que passaram a maior parte da vida sob o imperativo da sobrevivência biológica imediata, o exercício de projetar o futuro a longo prazo pode ser um processo de difícil habituação. O retorno à escola na idade adulta representa a possibilidade de ruptura com o determinismo social, ao ingressar na EJA, o sujeito inicia um processo de reconstrução de sua identidade, transformando o que era apenas uma necessidade de certificação em um projeto de inserção social qualificada, Haddad (2017).

A ausência de um projeto de vida claro em alguns relatos sugere que esses estudantes ainda se encontram em um estágio de reconstrução da identidade e da autoconfiança dentro do ambiente escolar. Entretanto, a inclinação majoritária pela continuidade da trajetória escolar confirma que a EJA atua como um espaço de cura e de expansão de horizontes

Ao investigar as aspirações dos discentes, a pesquisa revela que a pluralidade de caminhos vislumbrados é o resultado direto de uma escola que, ao acolher a singularidade e respeitar a resiliência de cada um, consegue transformar o sonhar em um planejamento concreto de cidadania e autonomia acadêmica.

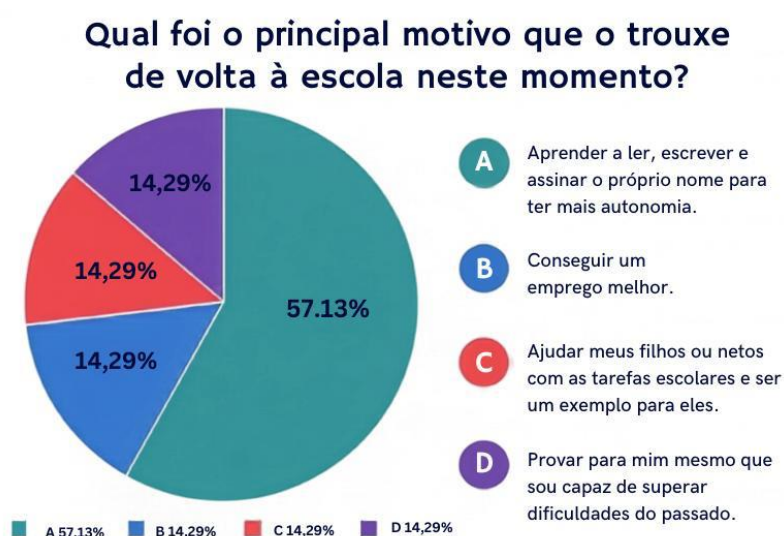
Outrossim, a educação de adultos cumpre sua função social quando consegue transformar a motivação instrumental em um compromisso ético com a própria

formação, consolidando-se como um território de conquista da autonomia intelectual e profissional, Gadotti (2013).

5.2 MOTIVAÇÕES IDENTIFICADAS ENTRE OS ESTUDANTES

No momento do reingresso escolar, as justificativas de ordem cultural, identitária e de busca por autonomia social sobrepõem-se significativamente aos fatores estritamente econômicos.

Gráfico 1: Retorno escolar



Fonte: Autora (2026)

O desejo de aprender a ler, escrever e assinar o próprio nome transcende a mera decodificação de grafema, o letramento não é um estado, mas um processo de inserção na cultura escrita que permite ao indivíduo exercer sua cidadania e transformar sua relação com o mundo, Soares (2004).

Isso trata-se de uma busca por uma autonomia que confere dignidade imediata ao indivíduo em seu cotidiano, essa aspiração é a expressão concreta do pensamento freireano, em que alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua própria palavra, é portanto, o domínio da leitura e da escrita como caminho para a

conscientização e para a libertação, permitindo que o oprimido deixe de ser um objeto da história para tornar-se sujeito de sua própria caminhada, Freire (1981).

Assim a alfabetização atua como o instrumento pelo qual o sujeito deixa de ser invisível socialmente para se apropriar de sua própria história, esse movimento evidencia uma motivação intrínseca e emancipatória, em que o valor do saber reside na conquista da liberdade pessoal e no fim da dependência de terceiros para as práticas sociais mais elementares.

A elevação do nível de escolaridade dos adultos no núcleo familiar atua como um fator determinante na valorização da educação para as gerações mais novas, transformando o ambiente doméstico em um espaço de incentivo e mediação da aprendizagem, Gatti (2005). Nesse cenário, a resiliência educacional manifesta-se também na dimensão familiar, uma vez que muitos adultos sentem o peso de não conseguir acompanhar o desenvolvimento escolar das gerações mais novas como relatado por 20% dos investigados, assim, o retornar aos estudos configura como uma estratégia para romper ciclos de exclusão educacional dentro do próprio lar, permitindo ao estudante assumir um papel ativo na mediação da aprendizagem de seus descendentes.

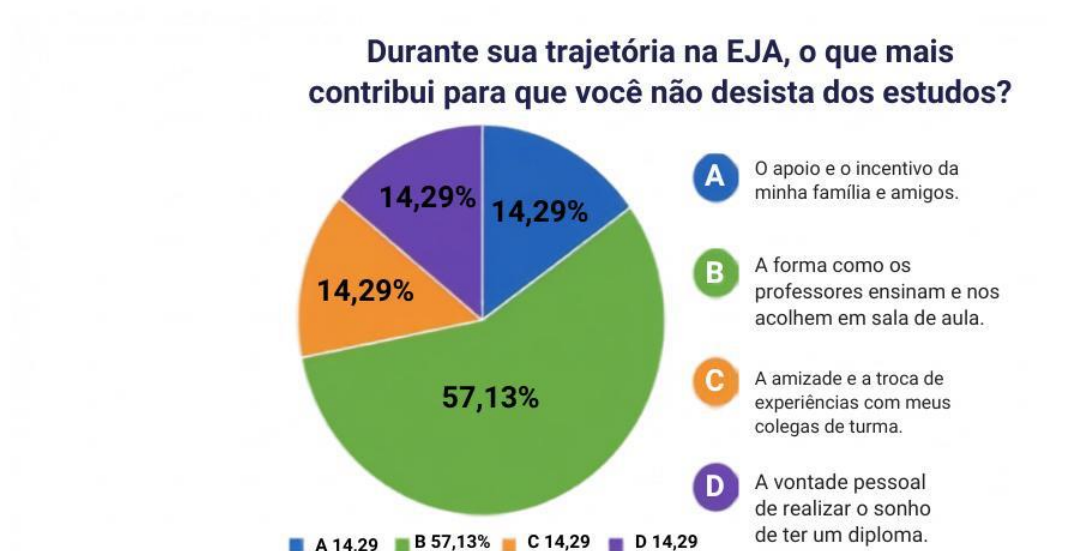
Para metade dos alunos estudados, o retorno à escola é impulsionado pela urgência do letramento funcional, compreendido como ferramenta essencial para o exercício pleno da cidadania, em consonância com a pedagogia da libertação, a apropriação da leitura e da escrita resgata o direito de agir de forma autônoma no mundo, demonstrando que as demandas de afirmação social são urgências que se sobrepõem, temporariamente, ao pragmatismo mercadológico. Conforme defende, as políticas de EJA devem reconhecer que o retorno do adulto à escola é um ato de reivindicação da cidadania negada, onde a aquisição do saber escolar opera como um dispositivo de fortalecimento da autoestima e de reconstrução da identidade social do educando, Di Pierro (2005).

Consequentemente, observa-se que o espaço da EJA é investido de expectativas afetivas e reparadoras, sugerindo que os gatilhos iniciais para o retorno à escolarização estão fortemente ancorados no resgate da dignidade humana e da autoestima. Embora a motivação extrínseca voltada ao mercado de trabalho esteja

presente no horizonte dos alunos, ela divide espaço com valores familiares e o desejo de superação pessoal. A escola, ao acolher essas demandas de letramento básico e afirmação identitária, valida a resiliência de sujeitos que, apesar das marcas da exclusão, encontram na educação o suporte necessário para reconstruir sua autonomia e sua posição diante da sociedade.

Gráfico 2: Fatores que contribuem para continuação dos estudo

A atuação do professor em sala de aula constitui a principal âncora contra a evasão escolar, a convergência entre a competência didática e a sensibilidade na relação humana é o fator determinante que motiva o aluno a persistir em sua jornada acadêmica.



Fonte: Autora (2026)

O educador de jovens e adultos não é apenas um técnico do ensino, mas um militante da esperança, cuja função principal é criar as condições de acolhimento para que o direito à educação se torne uma prática de liberdade, Gadotti (2011). Isso reforça a tese de que, no contexto da EJA, o docente não atua apenas como um transmissor de conteúdos sistematizados, mas como um agente fundamental de

acolhimento social, observa-se que a motivação intrínseca do educando pode vacilar diante das intempéries da vida adulta se não houver um ambiente escolar que ofereça redes solidárias de apoio.

A persistência destes alunos na escola está diretamente ligada à relevância que eles atribuem ao que vive no cotidiano escolar, se a escola se apresenta como um ambiente de hostilidade ou indiferença, a evasão é o caminho natural, contudo, se ela se organiza como um território de solidariedade e respeito mútuo, se torna o principal antídoto contra a exclusão, segundo Paro (2010). Neste cenário, a resiliência educacional deixa de ser um esforço puramente individual para se tornar um fenômeno coletivo, a percepção de que os colegas partilham dos mesmos medos, dificuldades e trajetórias de exclusão fortalece o vínculo comunitário, transformando a sala de aula em um espaço de solidariedade e mútua sustentação.

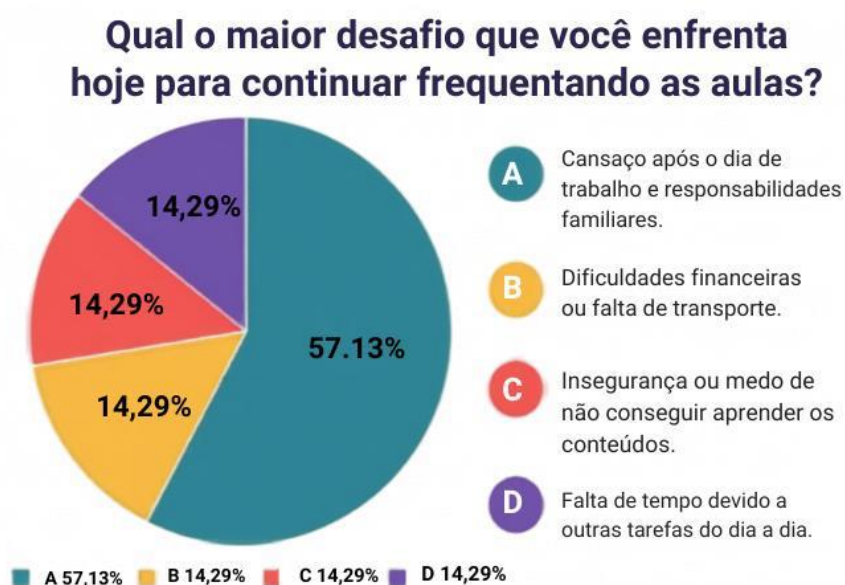
A sala de aula deve ser compreendida como um espaço de mediação cultural e social, onde a troca de saberes e vivências entre os alunos permite a construção de uma identidade coletiva, fortalecendo o sentimento de pertencimento necessário para a continuidade do processo educativo, Pimenta (2012). A permanência desses sujeitos na escola se revela como um fenômeno complexo, fortemente alicerçado na qualidade das interações estabelecidas no microssistema escolar e na densidade das redes de apoio afetivo. O fazer pedagógico, quando indissociável do acolhimento, é a barreira mais eficaz contra o abandono e o sentimento de não pertencimento.

Embora o desejo pelo diploma possa ser identificado como uma motivação extrínseca que impulsiona o reingresso, é a qualidade das relações humanas cotidianas que garante a sustentabilidade e a continuidade dos estudos frente aos desafios impostos pela realidade social, e a escola, ao promover esse estreitamento de vínculos, se consolida como um território de resistência, onde a empatia e a alteridade são ferramentas pedagógicas essenciais para a concretização do direito à educação. O ato educativo na EJA é uma experiência de alteridade, onde o reconhecimento do outro como sujeito legítimo de saber é o que permite a criação de vínculos afetivos capazes de superar as barreiras históricas da exclusão escolar, Brandão (2007).

Gráfico 3: Principais Desafios

A necessidade de subsistência econômica continua a tensionar o direito à educação, a relação entre escola e trabalho na sociedade capitalista impõe ao educando uma jornada exaustiva que compromete a plena apropriação do saber, exigindo que a organização pedagógica reconheça a fadiga do trabalhador não como desinteresse, mas como reflexo das condições materiais de existência, Saviani (2007).

Porque para o trabalhador, o tempo é um recurso escasso e disputado, conciliar o emprego, os cuidados domésticos e o suporte a filhos e netos exige um esforço de resiliência, colocando a permanência escolar em um estado de vulnerabilidade constante diante de qualquer imprevisto familiar.



Fonte: Autora (2026)

Nota-se que se estabelece um diálogo coerente entre o passado e o presente desses sujeitos, se o trabalho foi o principal motivo de exclusão escolar no passado, hoje ele permanece como o obstáculo mais severo (50%), isso confirma que as dificuldades da subsistência biológica não desaparece com o reingresso, mas se transmuta em cansaço físico e mental, desafiando a motivação do educando. Por isso

a persistência destes alunos em frequentar as aulas, mesmo nessas condições, revela uma motivação intrínseca profunda, pautada no desejo de superação das limitações impostas pela estrutura social.

A EJA não é apenas um lugar de ensinar conteúdos, mas um espaço de acolher vidas, é preciso reconhecer nos sujeitos da noite não apenas o aluno que falta, mas o trabalhador que resiste, Arroyo (2017), por isso a escola de jovens e adultos deve ser um território de acolhimento das vidas cansadas, se ela se limitar à cobrança de conteúdos descontextualizados, ela se torna mais um peso na jornada do trabalhador; se ela se propõe a ser um espaço de diálogo e reconhecimento, ela se transforma em um território de humanização e de resistência contra a barbárie da exploração.

Diante desse cenário de exaustão, a postura empática e paciente do professor em sala de aula, e o acolhimento docente que atua como o diferencial qualitativo capaz de transformar a escola em um refúgio, e não em mais uma carga para o trabalhador. Além dos fatores subjetivos e biológicos, as condições estruturais de acesso e o suporte afetivo dentro da escola são os elementos que efetivamente condicionam as possibilidades de continuidade dos estudos na idade adulta, permitindo que a resiliência individual se converta em sucesso educacional coletivo, “O cansaço não deve nos imobilizar; ele deve ser o motor para a denúncia de uma estrutura que nega ao homem o direito de ser mais” Freire, (1992, p.31).

Gráfico 4: Aprendizado

A educação não se limita à transmissão de conhecimentos, mas constitui um processo de produção da identidade, no qual o sujeito, ao apropriar-se do saber, reconstrói sua própria imagem e sua relação com a sociedade, Nóvoa (2002).



Fonte: Autora (2026)

O principal produto do aprendizado na EJA, antes mesmo do domínio de conteúdos técnicos, é a restauração do próprio sujeito, isso porque o ato de aprender devolve a segurança que a exclusão passada havia subtraído, consolidando a motivação intrínseca como um motor de transformação pessoal. A apropriação do saber formal atua prioritariamente na desconstrução dos estigmas de incapacidade historicamente introjetados, funcionando como um mecanismo fundamental de reconstrução do eu.

A escola de jovens e adultos cumpre sua função quando consegue desconstruir no educando a ideia de que o seu não saber é uma incapacidade biológica ou pessoal, ao perceber que sua exclusão foi fruto de uma estrutura social injusta, o aluno se liberta do estigma e retoma a confiança necessária para ser sujeito de sua própria história, Arroyo (2011). Nesse contexto, a alfabetização na EJA transmuta

imediatamente em liberdade e autonomia social.

O letramento na idade adulta é, uma conquista de autonomia, é o momento em que o indivíduo deixa de ser lido pelos outros para passar a ler a si mesmo e ao mundo, Soares (2004), com isso o educando deixa de depender de terceiros para mediar sua leitura do mundo, o que caracteriza uma transição da motivação instrumental para uma resiliência emancipatória. O sujeito resgata sua dignidade e desfaz a invisibilidade social a que fora submetido, e a escola, portanto, torna-se o espaço onde a superação do erro e da dificuldade não é lida como um fator de desistência ou limitação, mas como etapa intrínseca ao desenvolvimento humano na idade adulta.

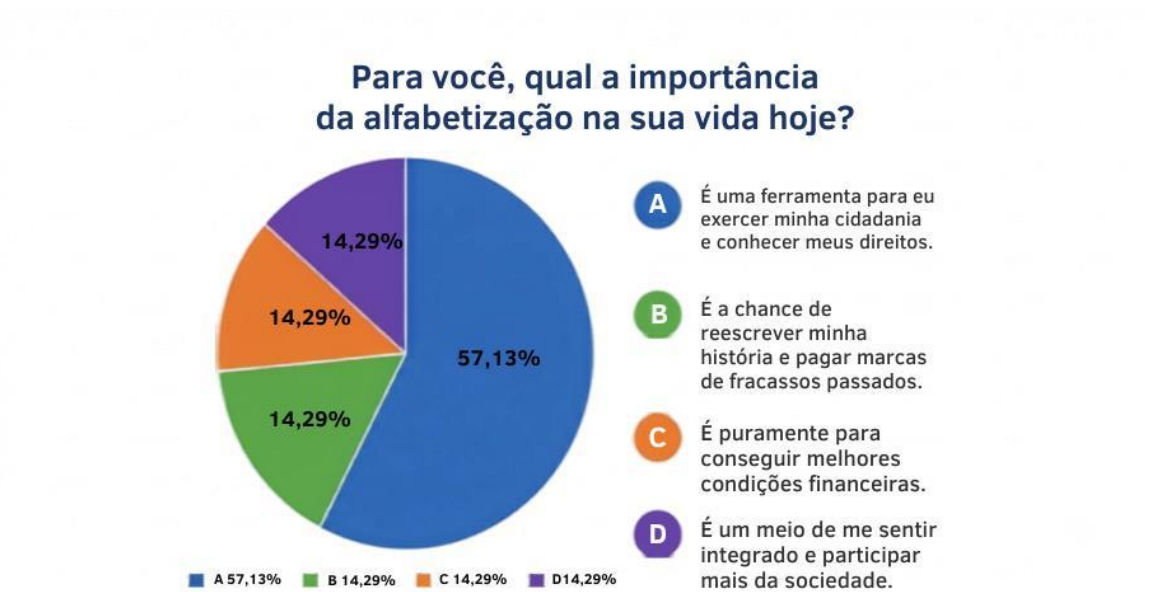
A dimensão ética da educação de adultos reside na capacidade de transformar o espaço escolar em um território de reconhecimento, onde a valorização da trajetória de vida do aluno permite a cura do sentimento de inferioridade e a afirmação de sua dignidade humana, Candau (2008). O sucesso cognitivo atua, fundamentalmente, como um reconstrutor da identidade, permitindo que a trajetória de exclusão seja ressignificada em uma trajetória de sucesso e autonomia.

Assim, a EJA cumpre sua função social mais profunda: não apenas a de ensinar a ler e escrever, mas a de devolver ao indivíduo a confiança necessária para atuar de forma consciente e independente na sociedade, consolidando a educação como um processo contínuo de cura e afirmação do sujeito.

Gráfico 5: Importância da alfabetização

A educação de jovens e adultos deve atuar na contramão dos processos de estigmatização, ao apropriar-se do conhecimento, o aluno não apenas aprende conteúdos, mas opera uma cura em sua biografia, substituindo o sentimento de incapacidade pela percepção de que é um sujeito produtor de história e de cultura.

A perspectiva de aprender ao longo da vida exige, por sua vez, complementaridade e continuidade. A contribuição da Educação de Adultos e a Educação Continuada é de suma importância para a criação de uma sociedade tolerante e educada, para o desenvolvimento socioeconômico, para a erradicação do analfabetismo, para a diminuição da pobreza e para a preservação do meio ambiente (UNESCO, 1997, p. 20).



Fonte: Autora (2026)

O letramento é percebido como uma chave de empoderamento jurídico e social, essencial para a inserção consciente no espaço público, “alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua própria palavra, criadora de cultura, transformadora da realidade.” (Freire, 1967, p. 72), alfabetizar, nesse contexto, significa se conscientizar de sua posição na sociedade, para o trabalhador, cujo tempo é um recurso escasso e disputado entre o emprego, os cuidados domésticos e a família, o deslocamento até a escola exige um esforço de resiliência gigantesco, colocando a permanência em risco constante.

As trajetórias desses sujeitos, marcadas pela exclusão precoce, encontram na apropriação da leitura na idade adulta uma oportunidade de superação subjetiva, permitindo ressignificar o passado e desconstruir o estigma de fracasso que a exclusão escolar costuma fixar na biografia do indivíduo, “o currículo precisa reconhecer os sujeitos da EJA como sujeitos de cultura, de saberes e de identidades coletivas, e não apenas como portadores de carências” Arroyo, (2011, p. 89).

Os resultados desta pesquisa desvelam uma compreensão humanizada e emancipatória do letramento, onde as demandas por dignidade, inclusão social e resgate da autoestima se sobrepõem ao fator estritamente financeiro. Portanto, o

domínio do código escrito atua na reconstrução de identidades historicamente estigmatizadas, convertendo o espaço escolar em um ambiente de cura social e de superação do sentimento de invisibilidade.

Na valoração do processo formativo pelos sujeitos da EJA, as demandas por dignidade humana, autonomia relacional e afirmação cidadã precedem o pragmatismo mercadológico, o letramento na idade adulta funciona como uma tecnologia social de poder, que dota o indivíduo das competências necessárias para navegar e intervir nas estruturas burocráticas e jurídicas da sociedade contemporânea, aponta Soares (2004).

É preciso ir além de ver os jovens e adultos apenas como alunos com carências escolares, reconhecendo a especificidade desses tempos da vida e dos sujeitos que os vivem. Quem são esses sujeitos? São passageiros da noite, que se deslocam no trajeto trabalho-estudo diariamente, carregando em si as marcas de percursos de vida e trabalho que a escola não pode ignorar. O desafio da EJA é reconhecer a identidade coletiva desses sujeitos para propor uma pedagogia que milite na fronteira da humanização-desumanização (Arroyo, 2017, p. 24).

Ao apropriar-se da palavra, esses educandos não busca apenas uma vantagem econômica, mas o pressuposto fundamental para a autonomia e para a reivindicação de direitos outrora sonegados, consolidando a educação como o caminho definitivo para a emancipação do sujeito, a dimensão emancipatória da EJA reside na capacidade de transformar o direito à educação em uma ponte para o acesso a todos os outros direitos civis e sociais, consolidando a autonomia relacional do estudante frente ao Estado e ao mercado, Haddad (2017).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo compreender como os fatores motivacionais influenciam a resiliência dos alunos adultos e como as práticas pedagógicas podem ser desenvolvidas de forma significativa e eficaz na educação destes, considerando os desafios impostos pela diversidade de trajetórias escolares, pelos saberes prévios dos alunos e pelas limitações estruturais e históricas ainda presentes nessa modalidade de ensino.

A partir de um levantamento teórico e histórico sobre a EJA, foi possível perceber de que forma os alunos pesquisados encontram motivação para prosseguir

nos estudos e romper a barreira do analfabetismo, tornando-se resilientes mesmo com tantas dificuldades. A análise dos dados demonstrou que o sucesso da prática pedagógica na EJA depende diretamente da capacidade do educador em reconhecer e valorizar as experiências de vida dos estudantes, promovendo uma aprendizagem significativa, baseada em metodologias ativas, atendimento individualizado e construção coletiva do conhecimento.

Infere-se que o conhecimento, quando ressignificado como instrumento de emancipação, transcende o conteúdo acadêmico para tornar-se uma ferramenta de intervenção sobre a própria realidade. Para o educando da EJA, o aprendizado é um mecanismo estratégico voltado à melhoria das condições laborais e à ampliação da participação social, sendo vivenciado como uma verdadeira prática de liberdade.

Esta busca ativa por saber, ancorada em fatores motivacionais profundos, permite que o sujeito rompa ciclos históricos de invisibilidade e projete novas perspectivas para sua trajetória pessoal e profissional. Observou-se que no ambiente escolar, a implementação de práticas pedagógicas que estimulam o planejamento, o monitoramento do progresso e a autoavaliação é fundamental, tais estratégias favorecem o desenvolvimento da consciência metacognitiva, capacitando o estudante a compreender seus próprios processos cognitivos.

Ao identificar lacunas, elaborar mecanismos de superação e assumir o controle de sua formação, o educando transforma o estudo em um ato intencional, esse protagonismo não apenas reforça a motivação intrínseca, mas é o alicerce que sustenta a resiliência diante dos obstáculos que o aluno adulto inevitavelmente enfrenta. Ao validar os saberes prévios e as experiências de vida, a prática pedagógica promoveram a autodeterminação do sujeito, as metodologias participativas e conteúdos contextualizados, que conectam a sala de aula ao cotidiano e aos interesses individuais conferem sentido ao que é aprendido, essa abordagem permite que o aluno encontre razões significativas para a permanência, desenvolvendo a capacidade de tomar decisões conscientes sobre seu percurso escolar.

Como resultado, a motivação deixa de ser um estímulo externo ocasional e converte-se em um compromisso contínuo, onde a autonomia e a resiliência pessoal e escolar se fundem para consolidar o projeto de vida do estudante como um exercício pleno de cidadania. Ao retomarem os estudos, muitos alunos chegam inseguros,

carregando o peso de frustrações escolares anteriores, no entanto, à medida que avançam e conquistam pequenas vitórias como ler um texto com fluência, resolver um problema matemático ou participar de uma apresentação, a autoconfiança vai sendo restaurada.

Por isso o apoio de professores sensíveis e de colegas com trajetórias semelhantes reforça a percepção de que são capazes de aprender e superar desafios, despertando um sentimento de competência pessoal, esse processo também impacta diretamente na autoestima, porque a possibilidade de voltar a estudar devolve aos alunos o sentimento de pertencimento e de valorização social, eles passam a enxergar a si mesmos com mais respeito, rompendo com a ideia de que não nasceram para estudar.

A convivência em sala de aula, marcada pelo respeito mútuo e pelo reconhecimento das diversas formas de saber, favorece a construção de uma imagem mais positiva de si mesmos, dessa forma, a EJA vai além da alfabetização e da escolarização formal, ela reconstrói histórias, fortalece identidades e prepara os alunos para exercerem sua cidadania com dignidade, consciência e confiança.

A Educação de Jovens e Adultos, não deve ser compreendida apenas como uma etapa de ensino, mas como um território de acolhimento de sujeitos que, historicamente, vivenciaram o cerceamento de direitos sociais e educacionais; homens e mulheres que, devido a fatores estruturais como a pobreza, o trabalho precoce e desigualdades raciais e de gênero, tiveram suas trajetórias escolares interrompidas, encontram no retorno à escola uma oportunidade de reconfigurar sua identidade.

Este movimento é impulsionado por uma motivação que transcende o pragmatismo da alfabetização; é um desejo profundo de transformação, onde o acesso ao saber é reconhecido como um direito legítimo e uma via para a justiça social. Ao decidir retomar sua formação, o educando manifesta uma alteração significativa na percepção do seu lugar no mundo, vendo na escolarização uma estratégia de ascensão social e de superação das barreiras que lhe foram impostas.

Essa busca pelo conhecimento é o alicerce de sua autodeterminação, transformando a necessidade externa de inserção no mercado em um projeto de

vida pessoal, o aprendizado, nesse contexto, torna-se um exercício político e existencial, onde o pensamento crítico floresce e o aluno passa a reivindicar seu protagonismo.

Para que essa chama se mantenha viva, a instituição escolar precisa atuar como um espaço de validação da dignidade, onde as metodologias dialoguem com as vivências, os sonhos e os saberes populares que cada indivíduo traz consigo, a resiliência escolar surge, então, como uma competência central neste processo, ela não é apenas a capacidade de resistir às adversidades da jornada adulta, mas a habilidade de converter as marcas da exclusão como o silenciamento, o abandono e o estigma em combustível para a persistência acadêmica.

Quando o ambiente pedagógico honra as trajetórias desses sujeitos, ele fortalece essa resiliência escolar e pessoal, tornando a sala de aula um porto seguro para o enfrentamento dos desafios estruturais. Portanto, a vontade de aprender é uma expressão de resistência e esperança, nutrida por uma motivação que evolui da busca por subsistência para a busca por emancipação.

Futuras investigações no campo da EJA deverão continuar a explorar as nuances dessas trajetórias, compreendendo como as inconsistências e as particularidades dos processos de aprendizagem dialogam com a necessidade de políticas públicas mais humanizadas.

Ao centrar o olhar na capacidade resiliente desses alunos, reafirmamos o papel da EJA como uma prática de liberdade, onde a educação é, acima de tudo, o reconhecimento da humanidade e do direito de cada sujeito a escrever seu próprio futuro.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **Resiliência**: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. Fascículo 13. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ARROYO, Miguel G. **Educação de Jovens e Adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 11-26. Disponível em: <https://www.autenticaeditora.com.br/>. Acesso em: 26 mai. 2026.
- ARROYO. M. G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA** - itinerários pelo direito a uma vida justa. São Paulo, SP: Vozes, 2017. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 18 mar 2026.
- BACICH, L; MORAN. J. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo (Org.). **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 Mar 2026
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 26 mai. 2026.
- CANDAU, Vera Maria (org.). **Direitos humanos, educação e interculturalidade: reconstruindo a esperança**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2008.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CARVALHO, Marília Paixão de. **Educação de Jovens e Adultos: sujeitos, discursos e práticas**. São Paulo: [s. n.], 2006. p. 104. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/>. Acesso em: 26 mai. 2026

DI PIERRO, Maria Clara. **Educação de jovens e adultos no Brasil: um balanço da década de 1990**. São Paulo: Autêntica, 2005.

DI PIERRO, Maria Clara. **Notas sobre a EJA no Brasil e no mundo**. Revista da Associação Brasileira de Alfabetização (ABAL), São Paulo, n. 1, p. 109-119, dez. 2005. Disponível em: https://www.acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2012/071revista_abal_01_artigo_maria_clara_di_pierro.pdf. Acesso em: 18 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 28. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/acao_cultural_liberdade.pdf. Acesso em: 26 mai. 2026.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967 Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/>. Acesso em: 26 mai. 2026.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. p. 9.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a Emancipação: sentido e pressupostos da educação de jovens e adultos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Educação de Jovens e Adultos: o que aprender com a prática?** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2013.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra.** São Paulo: Fundação Peirópolis, 2001.

GATTI, Bernadete A. **Educação e bem-estar social.** São Paulo: Cortez, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDAD, Sérgio. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil: história e desafios.** São Paulo: Autêntica, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017. p. 207. Disponível em: <https://www.docdroid.net/v7zM0qf/fundamentos-de-metodologia-cientifica-marconi-lakatos-pdf>. Acesso em: 26 mai. 2026.

MARTINS, Rose Mary Kern. **Pedagogia e andragogia na construção da Educação de Jovens e Adultos.** Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 12, n. 1, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20331>. Acesso em: 10 out. 2025.

NEPOMUCENO, Marcia de Souza Leite; FRAGOSO, Analice Oliveira; SEABRA, Alessandra Gotuzo; PAULA, Cristiane Silvestre de. **Motivação e desempenho acadêmico entre alunos do primeiro ciclo de educação de jovens e adultos.** Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 103-133, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpdd/v19n2/v19n2a07.pdf>. Acesso em: 15 out. 2025.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa, 2002.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício de poder: crítica ao senso comum em educação.** São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. **O pedagogo na escola pública.** São Paulo: Loyola, 2012.

RIBEIRO, Vera Maria (org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003. p. 191.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015. E-book. Disponível em: <https://leitor.bvirtual.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2026.

SAVIANI, Dermeval. **A escola e o trabalho**. São Paulo: Cortez, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 36. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SCHWARTZ, Suzana, **Motivação para ensinar e aprender: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2014. E-book. Disponível em: <https://leitor.bvirtual.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2026.

SOARES, Leôncio José Gomes. **Ações do Programa de Educação de Jovens e Adultos: o que são, para que servem e como utilizá-las**. Revista Brasileira de Educação, n. 21, p. 111-124, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbe/a/RkKxS95T7nN8d7dKqT7sDqB/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2025.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo, SP: Contexto 2017. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acesso> em: 12 abr 2026.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **As ecologias dos saberes**. In: MENESES, Maria Paula et al. (org.). Boaventura de Sousa Santos: construindo as epistemologias do sul para um pensamento alternativo de alternativas. Buenos Aires: CLACSO, 2019. v. 1. p. 485-534. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctvt6rkt3.9>. Acesso em: 27 abr. 2026

UNESCO. **Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos**. Quinta Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (CONFITEA V). Hamburgo, 1997. Brasília: UNESCO/MEC, 1997. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000113943>. Acesso em: 4 jun. 2026.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 2007.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Questionário destinado aos alunos do segundo ciclo da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

1ª Qual foi o principal motivo que o trouxe de volta à escola neste momento?

- () Aprender a ler, escrever e assinar o próprio nome para ter mais autonomia.
- () Conseguir um emprego melhor.
- () Ajudar meus filhos ou netos com as tarefas escolares e ser um exemplo para eles.
- () Provar para mim mesmo que sou capaz de superar dificuldades do passado.

2ª Durante sua trajetória na EJA, o que mais contribui para que você não desista dos estudos?

- () O apoio e o incentivo da minha família e amigos.
- () A forma como os professores ensinam e nos acolhem em sala de aula.
- () A amizade e a troca de experiências com meus colegas de turma.
- () A vontade pessoal de realizar o sonho de ter um diploma.

3ª Qual o maior desafio que você enfrenta hoje para continuar frequentando as aulas?

- () Cansaço após o dia de trabalho e responsabilidades familiares.
- () Dificuldades financeiras ou falta de transporte.
- () Insegurança ou medo de não conseguir aprender os conteúdos.
- () Falta de tempo devido a outras tarefas do dia a dia.

4ª Como você se sente em relação ao seu aprendizado na escola até agora?

- () Muito mais confiante e com a autoestima melhor.
- () Feliz por conseguir realizar tarefas sozinho, como ler uma mensagem.
- () Ainda sinto dificuldades, mas estou motivado a continuar.

() Sinto que o que aprendo aqui me ajuda no meu trabalho e na vida.

5ª Para você, qual a importância da alfabetização na sua vida hoje?

() É uma ferramenta para eu exercer minha cidadania e conhecer meus direitos.

() É a chance de reescrever minha história e apagar marcas de fracassos passados.

() É puramente para conseguir melhores condições financeiras.

() É um meio de me sentir integrado e participar mais da sociedade.

6ª Por que você não pôde concluir seus estudos na idade regular? Conte um pouco sobre os obstáculos que enfrentou naquela época.

7ª O que mudou na sua vida ou no seu modo de ver o mundo depois que você começou a frequentar as aulas da EJA?

8ª Como você se sente quando consegue realizar algo na escola que antes parecia impossível?

9ª De que forma os professores e a escola podem ajudar você a se sentir mais motivado a não faltar e continuar estudando?

10ª Qual é o seu maior sonho para o futuro após concluir seus estudos na EJA?